Cr$ 350,00

ela e ele

LUÍSA
A GATA DO ANO

VERÃO

VIVA O CHOPE!

O QUE VAI ROLAR NA ALTA ESTAÇÃO

O ROTEIRO DO PRAZER

O QUENTE DOS PRATOS FRIOS

ESPORTE

O MITO MIKE TYSON

TURFE ESPETACULAR

A AVENTURA AO ALCANCE DE TODOS

CINEMA

OS MELHORES FILMES ERÓTICOS DE TODOS OS TEMPOS

GABI E JESSICA

DOSE DUPLA DE PRAZER

Proibida a venda para menores de 18 anos/Manaus, Boa Vista, Altamira e Santarém (via aérea) Cr$ 400,00

ele ela

PRAZER E INFORMAÇÃO PARA O HOMEM
N.º 257/Ano XXI/Novembro de 1990

ASSUNTO			PÁGINA
VISUAL	Artigo	Felipe Taborda	6
JAZZ	Artigo	Roberto Muggiati	8
ROCK	Artigo	O Terço	9
ÁUDIO E VÍDEO	Serviço	Jaílton Lima	10
VEM POR AÍ	Serviço		12
PRAZERES	Serviço		14
MIKE TYSON	Perfil	Sérgio Costa	18
LUÍSA	Mulher	Michel Moreau	24
ABOBRINHAS DE VERÃO	Artigo	Sérgio Costa	34
CHOPE	Artigo	Henrique Diniz	40
FÉRIAS	Serviço	Beth P. Santos	46
GABI	Mulher	Michel Moreau	50
FILMES ERÓTICOS	Serviço		60
TURFE	Ensaio	Luiz Edmundo Monteiro e Sérgio de Souza	66
GASTRONOMIA	Artigo	Enrique Renteria	74
AVENTURA	Reportagem	Henrique Koifman	78
JOHN LENNON	Artigo	Roberto Muggiati	88
MODA	Serviço		95
JESSICA	Mulher	Michel Moreau	102
DONA BEIJA	Quadrinhos	Ofeliano	110
O NAUFRÁGIO DO SUFRÁGIO	Humor	Henrique Diniz	114

NOSSA CAPA:
Luísa, fotografada por Michel Moreau.

ELE ELA — DIRETOR EDITORIAL: Roberto Barreira. DIRETOR EXECUTIVO: Alexandre Raposo. DIRETOR RESPONSÁVEL: Murilo Melo Filho. EDITOR CHEFE: Henrique Diniz. REDAÇÃO: Sérgio Costa (chefe), Elizabeth Pereira dos Santos, Henrique Koifman e Antonio Roberto de Almeida (secretário). DIRETORA DE ARTE: Maria Joaquina Fernandes. DIAGRAMADORES: Jorge de Carvalho e Claudio David Rawicz. MODA: Mônica Sigelmann e Lygia de Castro. FOTOGRAFIA: Indalécio Wanderley. PRODUÇÃO: Carlos Affonso de Lima. DEPARTAMENTO COMERCIAL BLOCH EDITORES: David Klajmic. PUBLICIDADE: Roberto Antunes. PROJETOS ESPECIAIS: Fernando Câmara Cascudo. RIO DE JANEIRO: Ítalo Gargiulo. ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E CIRCULAÇÃO: Rua do Russell, 804 — Tel.: 265-2012 — Telex: (021) 21525 — Rio de Janeiro. PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 580 — Lucas — Tel.: 391-6000 — Rio de Janeiro — Telex: (021) 22751. DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Manchete Ltda. — Rua Frei Caneca, 511 — Tel.: 293-8122 — CEP 20211 — Rio de Janeiro. BRASÍLIA: Roberto Wagner Monteiro. Setor de Indústrias Gráficas — Quadra 1, Lote 939 — Tel.: 321-5411 — Telex: (061) 1058. SÃO PAULO: Diretores: Pedro Jack Kapeller e Salomão Schvartzman. PUBLICIDADE: Décio Bittencourt. Av. Professora Ida Kolb, 551 — Casa Verde — CEP 02518 — Tel.: (011) 856-4122 — Telex: (011) 23684. MINAS GERAIS: Lúcio Portella — Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar — Tel.: (031) 273-3900 — Belo Horizonte — Telex: (031) 1058. RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallau Júnior — Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar — Tels.: 24-4744 e 25-4972 — Porto Alegre — Telex: (051) 1042. PERNAMBUCO: Av. Dantas Barreto, 498 — 2.º e 3.º andS. — Tels.: 224-0585 e 224-0454 — Recife — Telex: (081) 1084. CEARÁ: Augusto César Benevides — Av. Antonio Sales, 2.666 — Aldeota. Tel.: (085) 244-9066. Telex: (085) 1865 — Fortaleza. BAHIA: Vera Mello — Av. Tancredo Neves, 148 — Centro Empresarial Iguatemi — Bloco A — Salas 202 e 203 — Pituba — Tel.: (071) 358-6055 — Salvador — Telex: (071) 1214. PARANÁ: José Schlapak — Rua Mal. Deodoro, 211, 8.º andar, conj. 806 — Tel.: 224-8263 — Curitiba — Telex: (041) 5202. *Representantes*: SANTA CATARINA — P & G Comunicação e Marketing — Pedro Carlotto — Praça Pereira Oliveira, 16, Conjunto 901 — Florianópolis — CEP 88010 — Tel.: (0482) 23-0986 — Telex: (482) 443. NOVA IORQUE: Arnaldo Dines — 820 Second Avenue, suite 1.100 — New York, NY, 10.017 — Tels.: (212) 751-6605 e 986-2470 — Telex: (23) 961511 BLOCH UR. Fax Manchete-NY (212) 986-2934. PARIS: Sylvio Amaro da Silveira — 205, Avenue Gambetta — 75.020. Paris — Tel.: 436-25109. MILÃO: Daisy Benvenutti — Via del Bollo, 3 — Milano, 20121 — Itália — Tel.: 87-4007.
ELE ELA — Revista Mensal — Bloch Editores S.A. — Rua do Russell, 804 — CEP 22.214 — Rio de Janeiro.
● Os pedidos de números atrasados só serão atendidos mediante pagamento antecipado. Envie um cheque nominal ou vale postal a Bloch Editores S.A., Rua do Russell, 766 — CEP 22.214 — Rio de Janeiro (RJ). O valor de cada exemplar será correspondente ao preço da edição em circulação nas bancas. Ninguém está autorizado a vender assinaturas desta revista.

ele ela

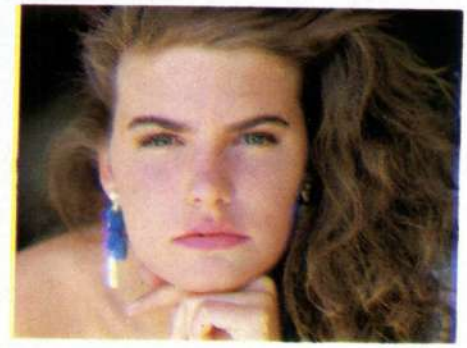
PRAZER E INFORMAÇÃO PARA O HOMEM
N.º 257/Ano XXI/Novembro de 1990

ASSUNTO			PÁGINA
VISUAL	Artigo	Felipe Taborda	6
JAZZ	Artigo	Roberto Muggiati	8
ROCK	Artigo	O Terço	9
ÁUDIO E VÍDEO	Serviço	Jaílton Lima	10
VEM POR AÍ	Serviço		12
PRAZERES	Serviço		14
MIKE TYSON	Perfil	Sérgio Costa	18
LUÍSA	Mulher	Michel Moreau	24
ABOBRINHAS DE VERÃO	Artigo	Sérgio Costa	34
CHOPE	Artigo	Henrique Diniz	40
FÉRIAS	Serviço	Beth P. Santos	46
GABI	Mulher	Michel Moreau	50
FILMES ERÓTICOS	Serviço		60
TURFE	Ensaio	Luiz Edmundo Monteiro e Sérgio de Souza	66
GASTRONOMIA	Artigo	Enrique Renteria	74
AVENTURA	Reportagem	Henrique Koifman	78
JOHN LENNON	Artigo	Roberto Muggiati	88
MODA	Serviço		95
JESSICA	Mulher	Michel Moreau	102
DONA BEIJA	Quadrinhos	Ofeliano	110
O NAUFRÁGIO DO SUFRÁGIO	Humor	Henrique Diniz	114

NOSSA CAPA:
Luísa, fotografada por Michel Moreau.

ELE ELA — DIRETOR EDITORIAL: Roberto Barreira. DIRETOR EXECUTIVO: Alexandre Raposo. DIRETOR RESPONSÁVEL: Murilo Melo Filho. EDITOR CHEFE: Henrique Diniz. REDAÇÃO: Sérgio Costa (chefe), Elizabeth Pereira dos Santos, Henrique Koifman e Antonio Roberto de Almeida (secretário). DIRETORA DE ARTE: Maria Joaquina Fernandes. DIAGRAMADORES: Jorge de Carvalho e Claudio David Rawicz. MODA: Mônica Sigelmann e Lygia de Castro. FOTOGRAFIA: Indalécio Wanderley. PRODUÇÃO: Carlos Affonso de Lima. DEPARTAMENTO COMERCIAL BLOCH EDITORES: David Klajmic. PUBLICIDADE: Roberto Antunes. PROJETOS ESPECIAIS: Fernando Câmara Cascudo. RIO DE JANEIRO: Ítalo Gargiulo. ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E CIRCULAÇÃO: Rua do Russell, 804 — Tel.: 265-2012 — Telex: (021) 21525 — Rio de Janeiro. PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 580 — Lucas — Tel.: 391-6000 — Rio de Janeiro — Telex: (021) 22751. DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Manchete Ltda. — Rua Frei Caneca, 511 — Tel.: 293-8122 — CEP 20211 — Rio de Janeiro. BRASÍLIA: Roberto Wagner Monteiro. Setor de Indústrias Gráficas — Quadra 1, Lote 939 — Tel.: 321-5411 — Telex: (061) 1058. SÃO PAULO: Diretores: Pedro Jack Kapeller e Salomão Schvartzman. PUBLICIDADE: Décio Bittencourt. Av. Professora Ida Kolb, 551 — Casa Verde — CEP 02518 — Tel.: (011) 856-4122 — Telex: (011) 23684. MINAS GERAIS: Lúcio Portella — Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar — Tel.: (031) 273-3900 — Belo Horizonte — Telex: (031) 1058. RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallau Júnior — Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar — Tels.: 24-4744 e 25-4972 — Porto Alegre — Telex: (051) 1042. PERNAMBUCO: Av. Dantas Barreto, 498 — 2.º e 3.º andS. — Tels.: 224-0585 e 224-0454 — Recife — Telex: (081) 1084. CEARÁ: Augusto César Benevides — Av. Antonio Sales, 2.666 — Aldeota. Tel.: (085) 244-9066. Telex: (085) 1865 — Fortaleza. BAHIA: Vera Mello — Av. Tancredo Neves, 148 — Centro Empresarial Iguatemi — Bloco A — Salas 202 e 203 — Pituba — Tel.: (071) 358-6055 — Salvador — Telex: (071) 1214. PARANÁ: José Schlapak — Rua Mal. Deodoro, 211, 8.º andar, conj. 806 — Tel.: 224-8263 — Curitiba — Telex: (041) 5202. *Representantes*: SANTA CATARINA — P & G Comunicação e Marketing — Pedro Carlotto — Praça Pereira Oliveira, 16, Conjunto 901 — Florianópolis — CEP 88010 — Tel.: (0482) 23-0986 — Telex: (482) 443. NOVA IORQUE: Arnaldo Dines — 820 Second Avenue, suite 1.100 — New York, NY, 10.017 — Tels.: (212) 751-6605 e 986-2470 — Telex: (23) 961511 BLOCH UR. Fax Manchete-NY (212) 986-2934. PARIS: Sylvio Amaro da Silveira — 205, Avenue Gambetta — 75.020. Paris — Tel.: 436-25109. MILÃO: Daisy Benvenutti — Via del Bollo, 3 — Milano, 20121 — Itália — Tel.: 87-4007.
ELE ELA — Revista Mensal — Bloch Editores S.A. — Rua do Russell, 804 — CEP 22.214 — Rio de Janeiro.
● Os pedidos de números atrasados só serão atendidos mediante pagamento antecipado. Envie um cheque nominal ou vale postal a Bloch Editores S.A., Rua do Russell, 766 — CEP 22.214 — Rio de Janeiro (RJ). O valor de cada exemplar será correspondente ao preço da edição em circulação nas bancas. Ninguém está autorizado a vender assinaturas desta revista.

A GATA DO ANO



LUÍSA

Fotos MICHEL MOREAU

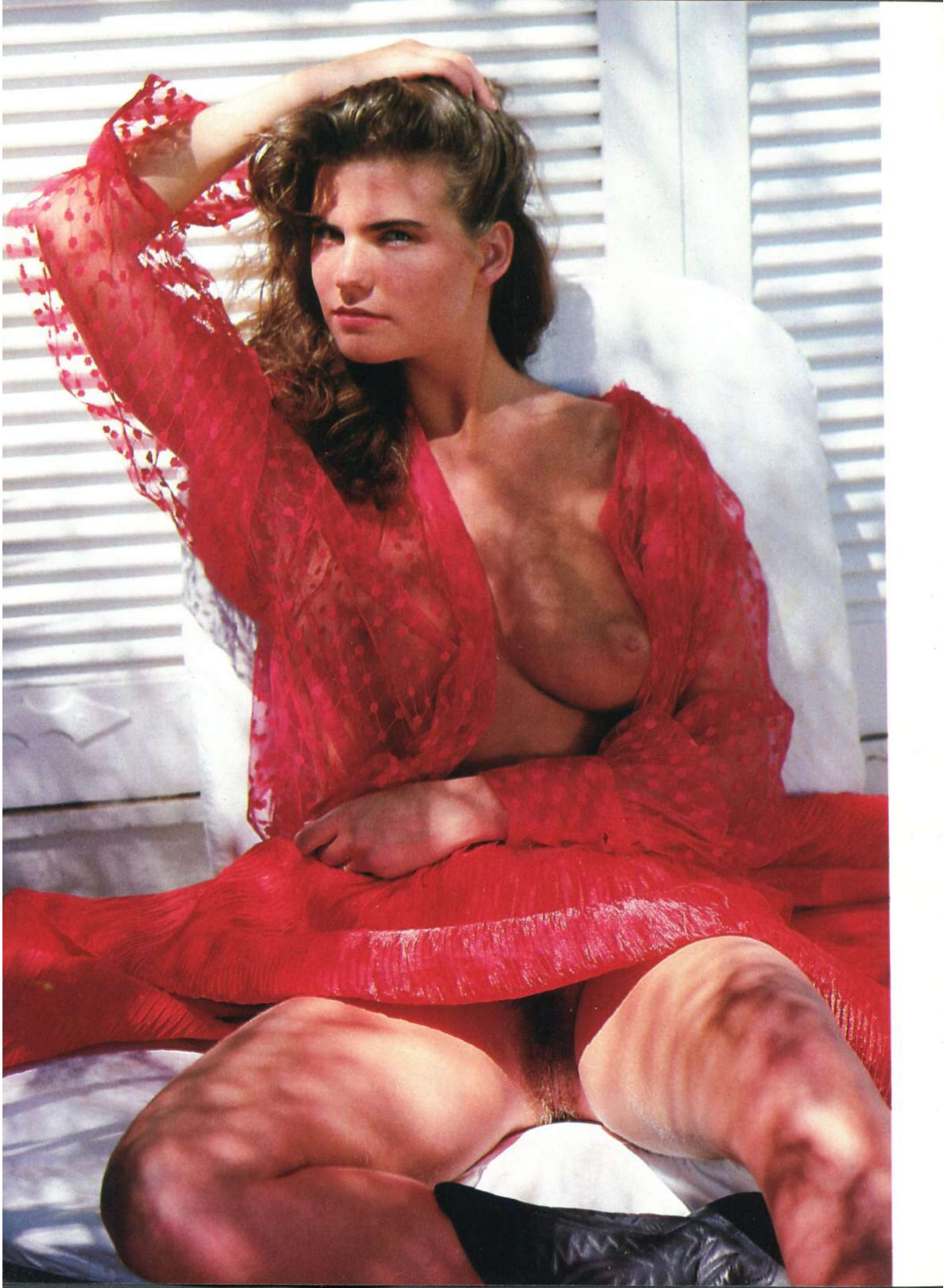
De repente, no último verão (francês), ela aconteceu e foi revelada pelo fotógrafo de dez entre dez das mais quentes gatas européias. E agora desembarca com exclusividade em nossa praia para conquistar sem luta o título de Gata do Ano. Aqui, quem foi revelada para o sucesso fulminante se revela por inteiro, fulminando corações e mentes que só pensam naquilo.

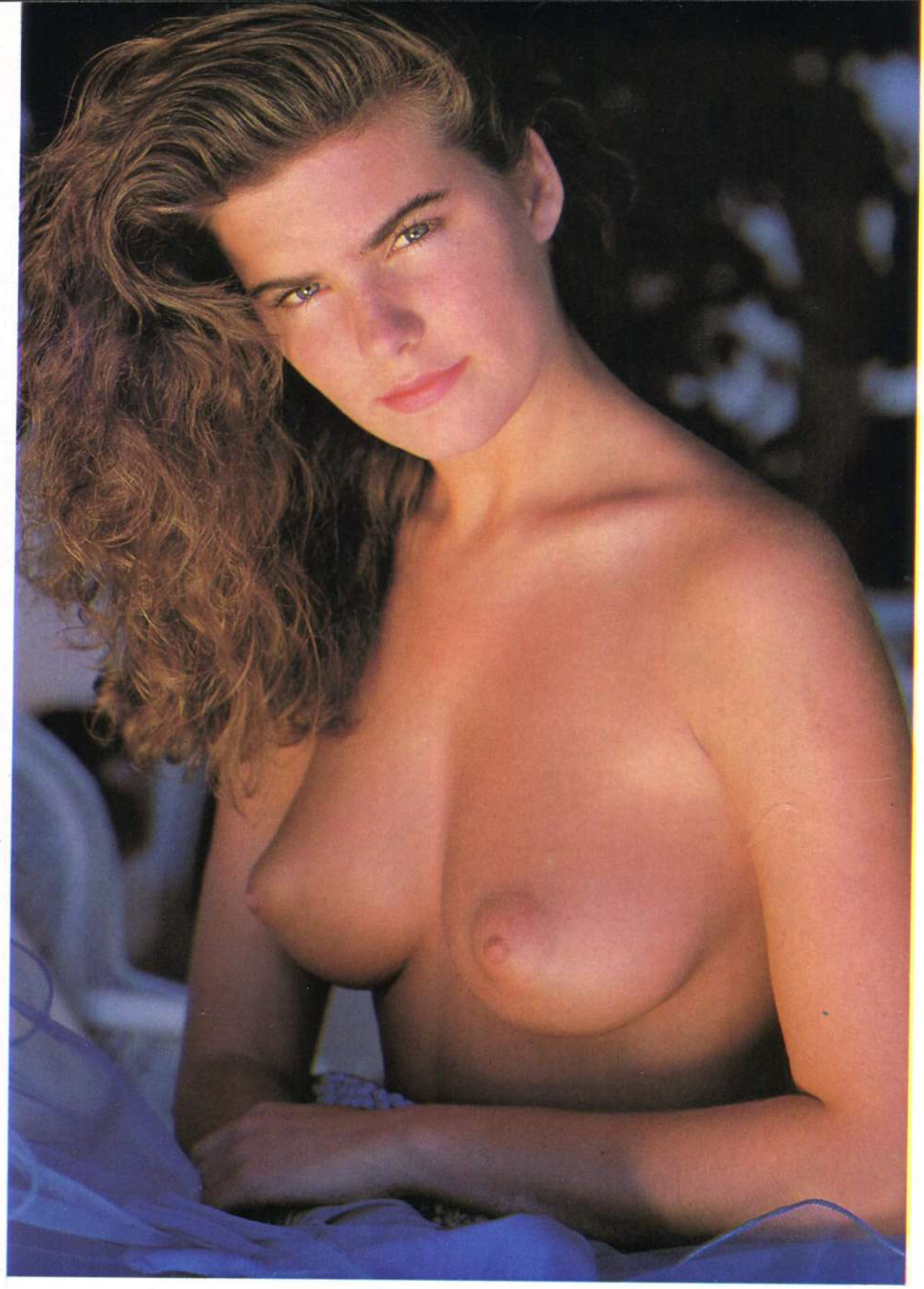
A GATA DO ANO

LUÍSA

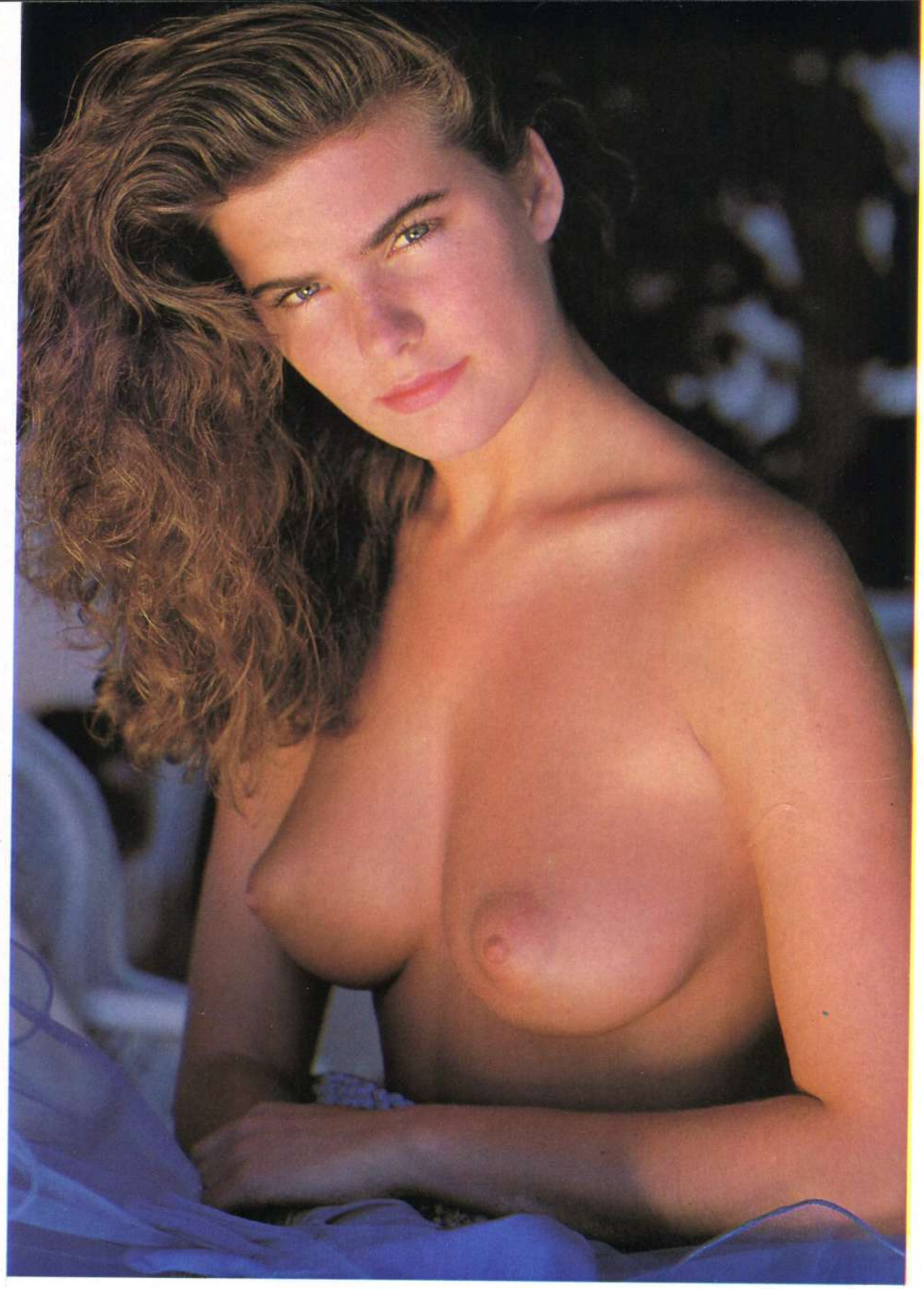
Fotos MICHEL MOREAU

De repente, no último verão (francês), ela aconteceu e foi revelada pelo fotógrafo de dez entre dez das mais quentes gatas européias. E agora desembarca com exclusividade em nossa praia para conquistar sem luta o título de Gata do Ano. Aqui, quem foi revelada para o sucesso fulminante se revela por inteiro, fulminando corações e mentes que só pensam naquilo.





Luísa é uma mistura de Anjo Azul, Marilyn Monroe e Dama de Vermelho. Ela está presente em todas as fantasias, a cores ou em preto-e-branco, em curta ou em longa-metragem.



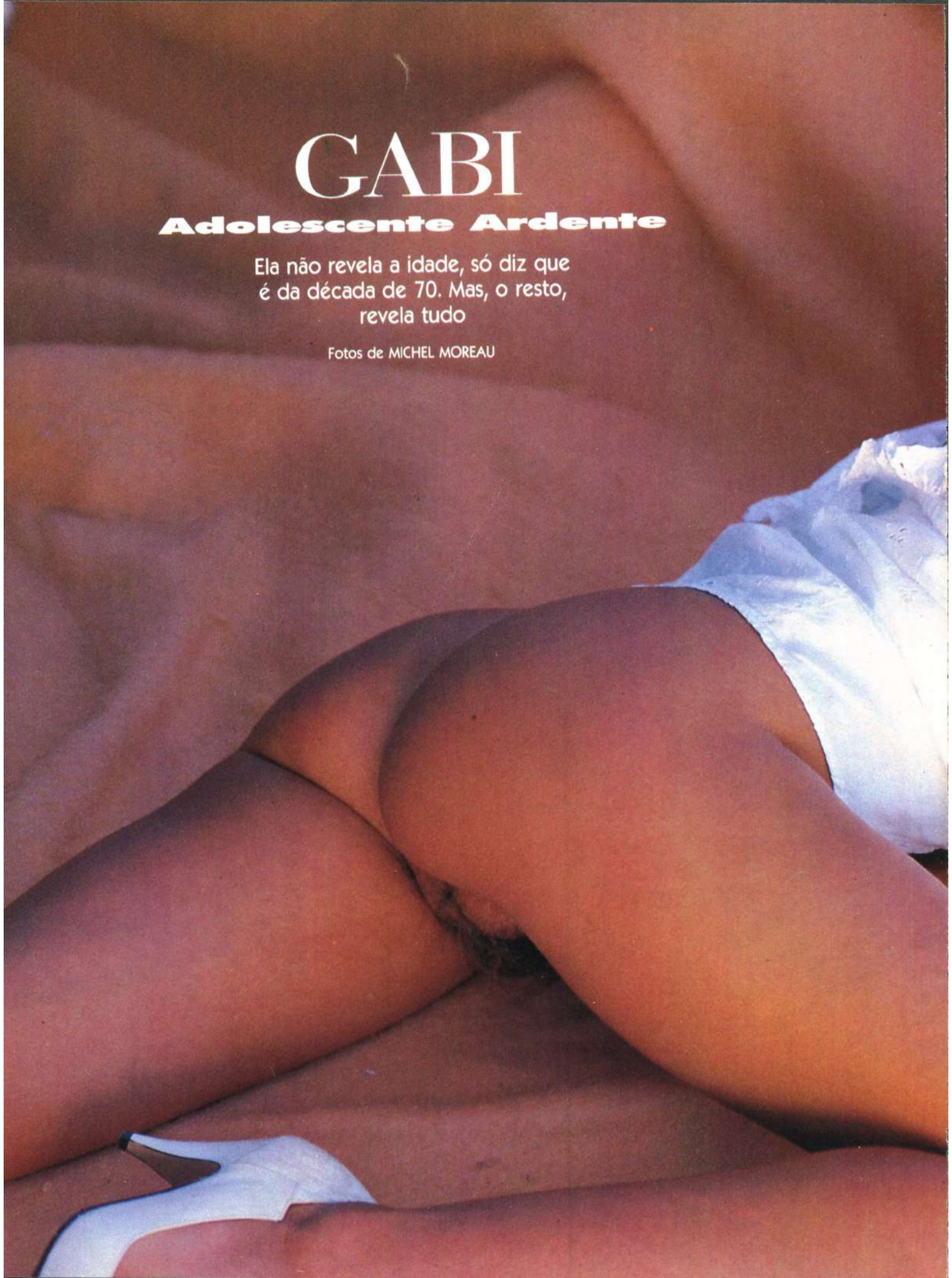
Luísa é uma mistura de Anjo Azul, Marilyn Monroe e Dama de Vermelho. Ela está presente em todas as fantasias, a cores ou em preto-e-branco, em curta ou em longa-metragem.

GABI

Adolescente Ardente

Ela não revela a idade, só diz que é da década de 70. Mas, o resto, revela tudo

Fotos de MICHEL MOREAU



GABI

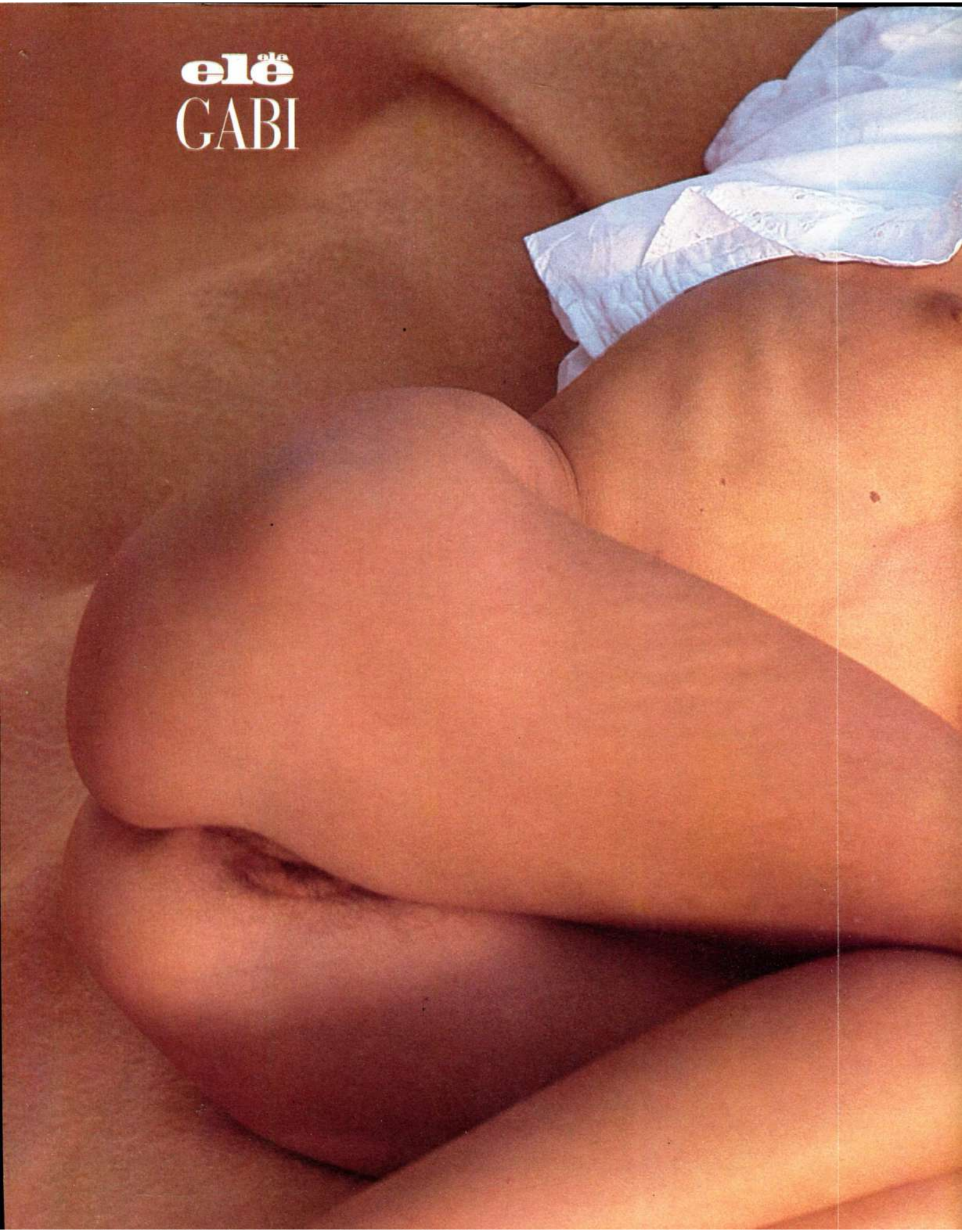
Adolescente Ardente

Ela não revela a idade, só diz que é da década de 70. Mas, o resto, revela tudo

Fotos de MICHEL MOREAU

Rebelde, como toda adolescente, Gabi é contra todo e qualquer preconceito. E defende todas as liberdades. Sobretudo a de dar e receber prazer. De seus parceiros só exige sinceridade e muita competência.

Os beijos do sol e as carícias da água são ótimos, mas não são tudo. Gabi gosta de um toque másculo percorrendo seu corpo, descobrindo todos os seus segredos, e dando-lhe todos os prazeres. Todos mesmo.


elé
GABI

elê

GABI

elê

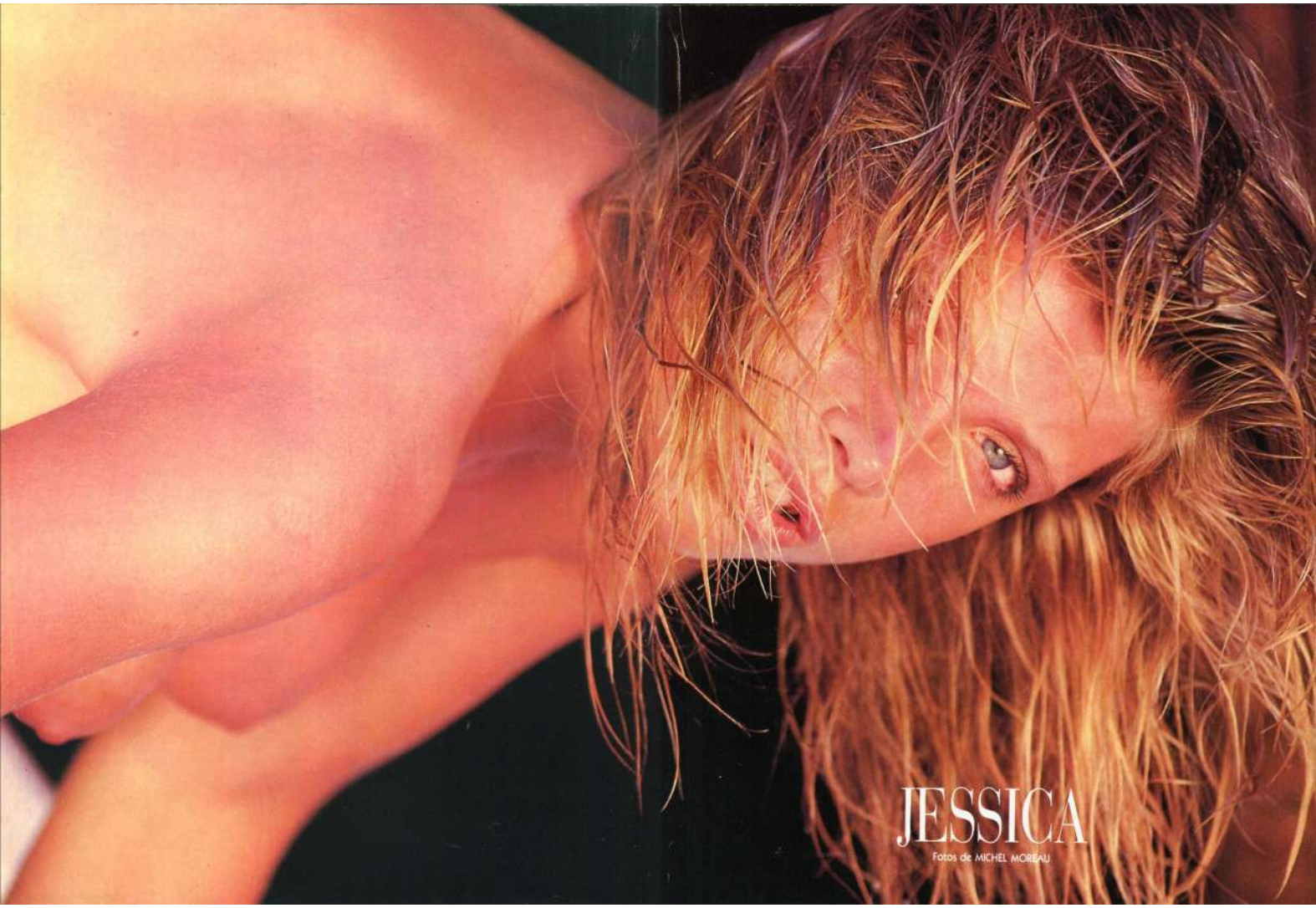
GABI

elle
GABI

elê
GABI

JESSICA

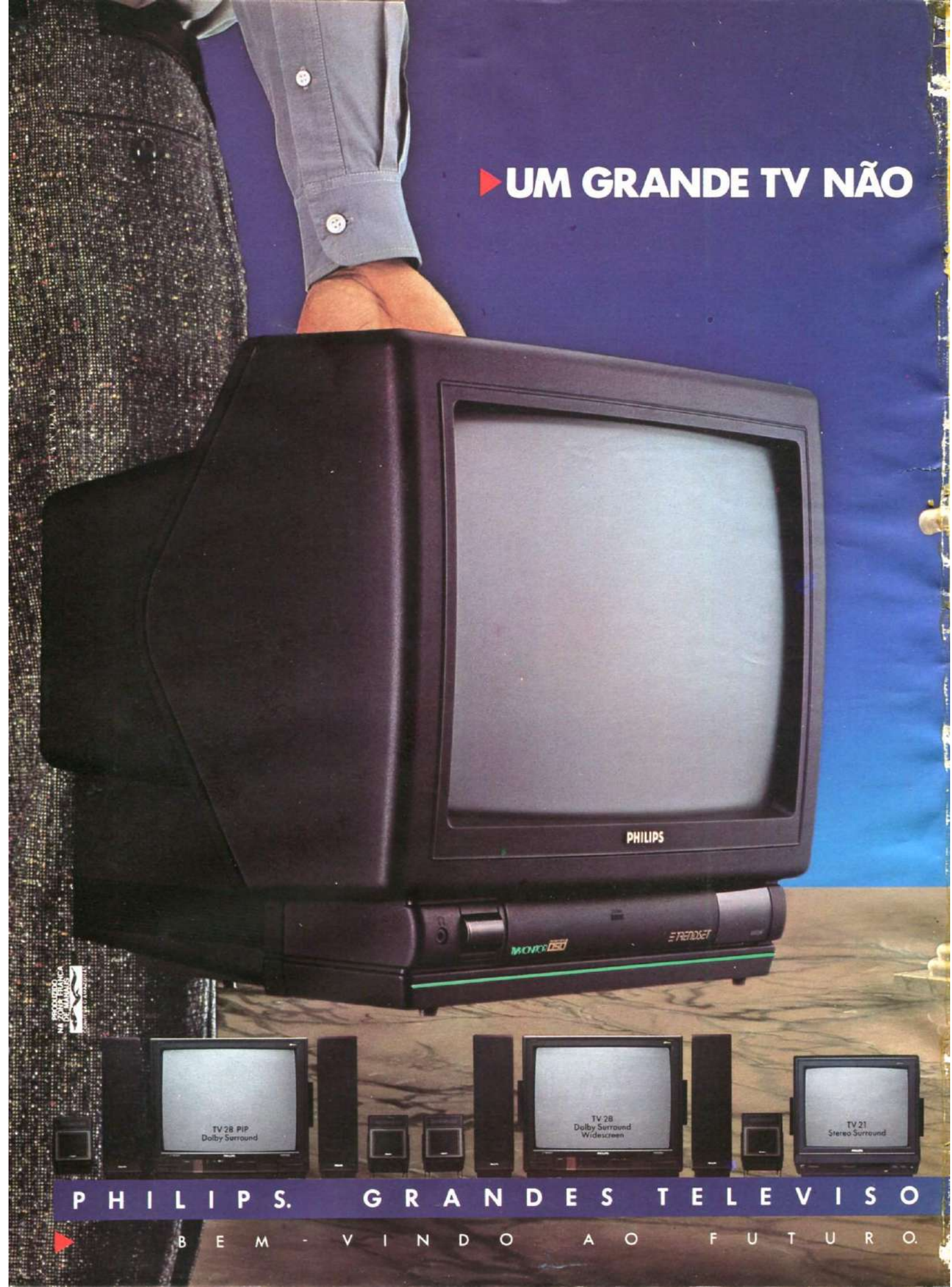
Fotos de MICHEL MOREAU


JESSICA
Fotos de MICHEL MOREAU

Olhos azuis, cabelos louros, 1,70m, francesa, solteira, fã de David Lynch e Spike Lee, detesta ginástica, ama o sol, praia, verão, calor, sexo, *rock* antigo, tipo Joy Division, Jim Morrison, Eric Clapton, não fuma, não bebe, detesta jogo, não tem preferências entre homens e mulheres: só pelo prazer

Doce, meiga, mas também selvagem, sensual, sem falso pudor, gulosa, preguiçosa, amorosa, apaixonada, ardente, sedutora por todos os poros.

"Um homem bonito? Jack Nicholson. Uma mulher? Eu. A situação ideal? Esta não me parece mal, sou Áries com ascendente em Áries e aqui estou."


UM GRANDE TV NÃO
PHILIPS
TV 28 PIP
Dolby Surround
TV 28
Dolby Surround
Widescreen
TV 21
Stereo Surround
PHILIPS. GRANDES TELEVISO
BEM-VINDO AO FUTURO.

PHILIPS

PHILIPS

PRECISA MAIS SER UM TV GRANDE.

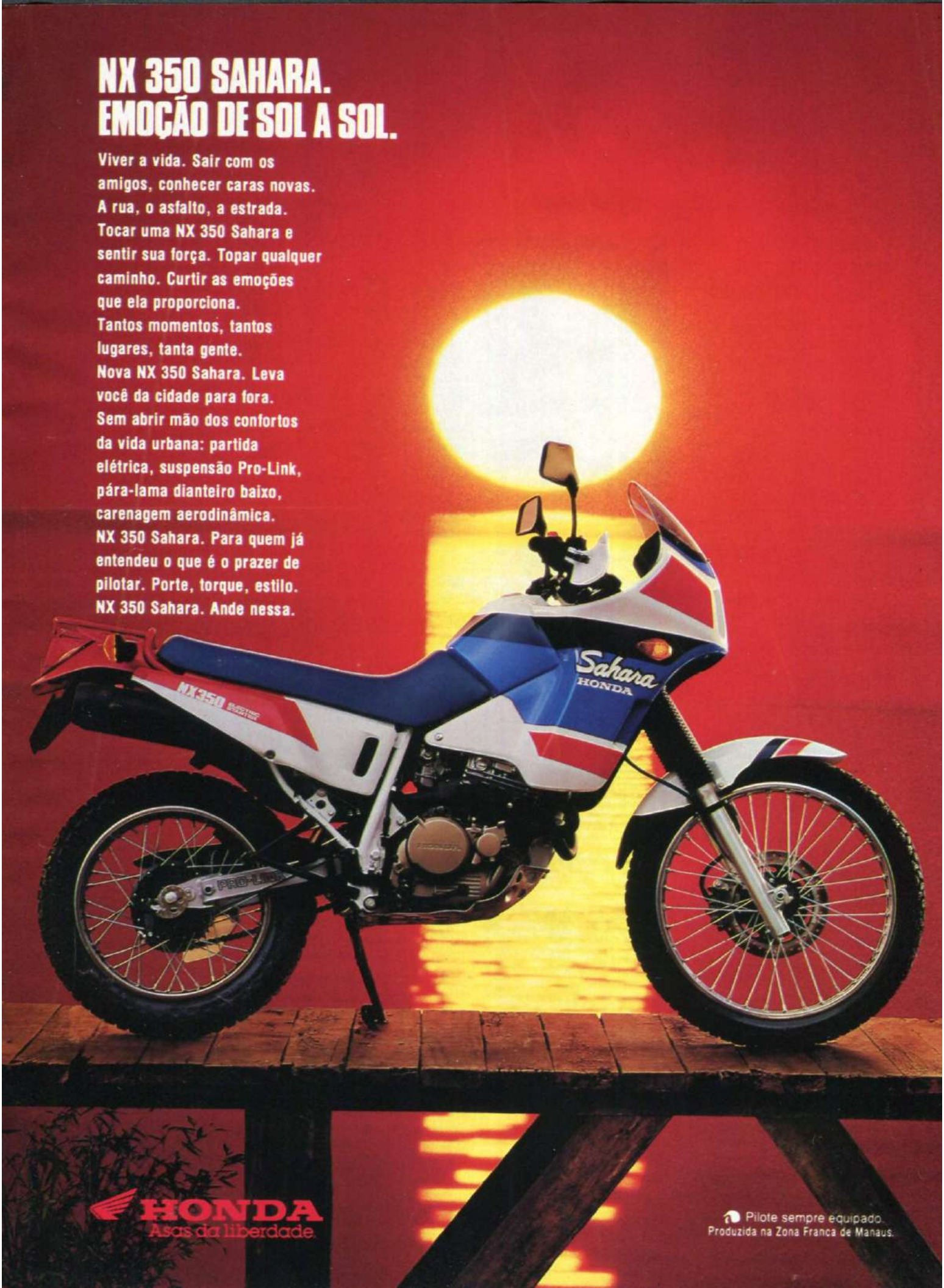
A Philips prova que é possível fazer um grande TV, sem ocupar espaço. Novo 14 TOP MONITOR. Ele é grande no design, inspirado nas mais modernas tendências do mercado internacional. E tem tudo que os televisores grandes têm: • Conexão direta para videocassete, videogame ou microcomputador. • Sintonia digital para VHF/UHF • OSD (On Screen Display): todas as funções indicadas na tela. Recurso que você encontra em todos os televisores em cores da linha Philips • Controle remoto com 26 funções • Compartimento para guardar o controle remoto, na parte posterior do aparelho • Memória programável para até 18 canais • Ajuste automático de voltagem para 110/220 V. Está provado: um grande TV não precisa mais ser um TV grande. Se você duvida, venha ver o novo 14 TOP MONITOR de perto. Você vai ter uma enorme surpresa.

RES EM TODOS OS TAMANHOS.

BEM - VINDO À PHILIPS.

NX 350 SAHARA.
EMOÇÃO DE SOL A SOL.

Viver a vida. Sair com os amigos, conhecer caras novas. A rua, o asfalto, a estrada. Tocar uma NX 350 Sahara e sentir sua força. Topar qualquer caminho. Curtir as emoções que ela proporciona. Tantos momentos, tantos lugares, tanta gente. Nova NX 350 Sahara. Leva você da cidade para fora. Sem abrir mão dos confortos da vida urbana: partida elétrica, suspensão Pro-Link, pára-lama dianteiro baixo, carenagem aerodinâmica. NX 350 Sahara. Para quem já entendeu o que é o prazer de pilotar. Porte, torque, estilo. NX 350 Sahara. Ande nessa.



HONDA
Asas da liberdade

Pilote sempre equipado.
Produzida na Zona Franca de Manaus.

ROBERTO MUGGIATI

AQUECENDO AS CEDETECAS DOS JAZZÓFILOS

Finalmente, está aberta a temporada de caça aos CDs de *jazz* no Brasil. E até os caçadores das arcas (sonoras) perdidas entram nesta, pois nomes até então tradicionalmente associados ao chiado podem agora ser ouvidos pela tecnologia a *laser*. Dinossauros como Jelly Rol Morton, Fats Waller e Bix Beiderbecke ocupam as prateleiras lado a lado com *mainstreamers* como Coleman Hawkins, modernistas como Dexter Gordon e vanguardistas como Cecil Taylor e Archie Shepp na coleção *A Jazz Hour With*, da Movie Play. O que não chega a criar conflitos. Ouçam o velho Bix, numa época em que o quente era o *hot*, anunciar com sua corneta o *cool* de um Chet Baker (Bix e Chet formando os dois extremos de um mito americano, o do *young man with a horn*...) Ouçam também o companheiro de Bix, o saxofonista Frankie Trumbauer, o branco *Tram* que influenciou toda a linhagem *cool* dos tenores à Lester Young. No departamento dos pianistas, a Movie Play oferece uma hora cheia com gente como Earl Hines, Art Tatum e Teddy Wilson.

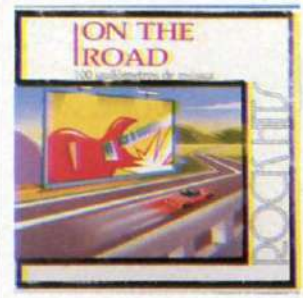
Se a Movie Play ataca com Billie Holiday, Stephane Grappelli e Thelonious Monk, a imagem traz também os mesmos artistas, em outras incursões. Grappelli, parceiro do lendário Django Reinhardt, terça o seu violino com o violão do brasileiro Baden Powell em *La Grande Reunion*. E a imagem está

lançando o registro de outro evento jazzístico de raízes brasileiras, o Jazz no Municipal, que reuniu, no grande teatro carioca, num minifestival em 1962, *cobras* como Coleman Hawkins, Zoot Sims, Curtis Fuller e Tommy Flanagan.

Enquanto a EMI-Odeon e a Warner — donas de catálogos fabulosos como os da Blue Note e da Atlantic — preferem investir sem riscos nos novos produtos — a EMI com os últimos trabalhos de Stanley Jordan e Bobby McFerrin; a Warner com o *jazz* cantável/dançável de George Benson — a CBS pesca, de vez em quando, raridades das suas Columbia Jazz Masterpieces, como o excelente *The Trombone Master*, de J. J. Johnson. Outra que acordou para o seu rico acervo jazzístico foi a BMG/Ariola. Do selo Bluebird/RCA, por exemplo, saíram clássicos como *New Tijuana Moods*, de Charlie Mingus; *Late Lament*, do sax alto de Dave Brubeck, Paul Desmond; e *Natural Rhythm*, a histórica reunião do saxofonista Al Cohn com o guitarrista Freddie Green. À BMG, que também é detentora do selo Novus (dele lançou aqui *Let's Get Lost*, de Chet Baker), uma dica: já saíram, nos EUA, CDs da última geração do *jazz* — do pianista Marcus Robets, do saxofonista Christopher Hollyday e do trompetista Roy Hargrove. Boa pedida para enriquecer as cedetecas dos nossos jazzófilos...

ON THE ROAD: PARA OUVIR A MIL

Em suas delirantes viagens pelas estradas da América, Jack Kerouac jamais teria imaginado que o título do seu romance — bíblia da geração *beat* — se tornaria nome de produto, 40 anos depois. Pensando bem, o produto — a coleção de CDs/K-7s cromo **On The Road** — não desgostaria de todo o velho Kerouac, ligado na metáfora da vida como uma longa *trip* audiovisual. Um dos volumes de *On The Road 1* traz um módulo especialmente dedicado ao *jazz*, de Louis Armstrong cantando Cole Porter *(I Get a Kick Out of You)* a Charlie Parker recriando *I'm in the Mood for Love* com o seu sax; do *cool* Gerry Mulligan em *My Funny Valentine* ao quentíssimo Count Basie com Ella Fitzgerald atacando *On the Sunny Side of the Street*. As cantoras são o forte do Jazz II (no *On The Road 2):* um *show* completo das primeiras-damas do *jazz*, como Ella, Sarah Vaughan, Billie Holiday, Dinah Washington, incluindo dois duetos muito especiais — El-



la e Louis Armstrong, Sarah e Billie Eckstyne. Já em *On The Road 3*, o *jazz* se faz presente nas *Accoustic Guitars* de John McLaughlin, Paco de Lucia, Al Di Meola, Larry Coryell e Baden Powell. Memories, Pop Hits, Rock Hits, Piano Classics, Great Film Themes, MPB, Bossa Nova, Dance Hits e até Boleros e Infantil são alguns dos temas desta coleção que, com suas três edições de 12 volumes cada, já percorreu alguns milhares de quilômetros de estrada (nos toca-fitas e CDs dos carros brasileiros) e faturou cerca de meio milhão de exemplares. Uma coleção que, apesar da crise, botou o pé na estrada.

O SEGREDO DAS GRAVAÇÕES PROFISSIONAIS

Você já percebeu como as vozes nas gravações profissionais são puras, os coros afinadíssimos e com um *peso* acústico correto? Este resultado excepcional não é fruto apenas do ambiente e da qualidade dos equipamentos utilizados. Muitas vezes, o segredo está escondido em pequenos aparelhos que geram os efeitos digitais de 16 bits como: reverberação, *delay*, *chorus*, equalização etc., que dão uma verdadeira magia ao som original.

Um exemplo destas milagrosas caixinhas, é o MIDIVERB III da Alesis que recebeu mais de 200 programas na sua memória, e é o sucessor do já consagrado MIDIVERB II, vencedor do TEC Award de 1988 pela excelente qualidade técnica.

TECLADOS SEM TECLAS

Com o desenvolvimento da tecnologia de áudio digital e a criação dos *interfaces* Midi, que permitem a comunicação e o controle de diversos instrumentos musicais eletrônicos através de pulsos de computadores, surgiram diversos tipos de teclados capazes de reproduzir toda a gama de sons analógicos (pianos, baterias, violões etc.).

Alguns destes novos instrumentos reproduziam com maior fidelidade determinadas faixas (baixo, cordas etc.), outros tinham melhor performance nos sons sintéticos (efeitos sonoros do tipo *Guerra nas Estrelas*, raios, explosões etc.) fazendo com que o músico necessitasse de diversos teclados sintetizadores interligados e amontoados, ocupando um grande espaço no estúdio, complicando e encarecendo o processo de reprodução e gravação musical.

Por que então não fabricar estes sintetizadores periféricos sem as teclas? Sim, a partir desta idéia foram produzidos aparelhos sintetizadores somente com a parte eletrônica e alguns comandos de programação de sons. Apelidados de *cérebros*, estes geradores de sons são interligados com um *interface* Midi a um teclado sintetizador principal, onde o músico toca de uma só vez todos os instrumentos que são gerados por eles.

A Yamaha lançou uma série de cérebros (Tone Generators) com ampla flexibilidade de recursos de mixagem e edição. O *top of line* TG77, por exemplo, mantém todas as características do teclado SY77, com RCM synthesis, 12 saídas, 44 tipos de efeitos digitais, mais de 256 vozes disponíveis etc. A vantagem está num custo menor, com a mesma qualidade e mais liberdade para a utilização.

UMA SOFISTICADA MESA DE PÓS-PRODUÇÃO DE VÍDEO

A Panasonic lançou no Japão a AVE5, uma versão simplificada da mesa de efeitos MX-10, a um preço acessível (US$ 1.500) para a produção de vídeo domiciliar.
A mesa conta com um misturador para dois sinais de vídeo (2 VCRs dispensando o uso de Genlock) que podem ser combinados com mais de 96 padrões de efeitos (Wipes) diferentes, com bordas coloridas e um *joystick* para se mover os efeitos circulares ou retangulares para qualquer parte da tela.
O equipamento tem uma entrada de *Superimpose*, para a inserção das imagens sobre uma cor predeterminada, ou a colocação de titulação no material gravado.
Na parte de áudio, a mesa funciona como um mixer de 4 canais com 3 entradas Stereo e uma para microfone. Incrível, não?

STILL VÍDEO
A FOTOGRAFIA DO VÍDEO

Já há algum tempo tenta-se substituir o sistema convencional de fotografia, com filme e o processo (demorado) de revelação, por uma fotografia instantânea realizada através do sistema de vídeo. Há duas maneiras diferentes para se conseguir esta *foto*: a primeira é gravar a imagem com uma câmera de maneira semelhante às SLR 35mm, diretamente em um *floppy disc*. A Canon e a Sony já têm estes aparelhos à disposição do consumidor americano, com *flash* e capacidade para até 50 fotos em cada disquete, mais a vantagem (ou será desvantagem?) de ser possível apagar e regravar as imagens inúmeras vezes.
A segunda forma é congelar um quadro da fita de vídeo gravada em movimento (*still* vídeo), e em seguida imprimi-la em papel fotográfico numa impressora especial (também já disponível no mercado americano), obtendo-se imediatamente uma foto convencional. A Philips, de olho neste mercado, adiantou-se aos concorrentes e colocou na sua nova *camcorder* um circuito especial para congelar as imagens — ESP *(Electronic Still Picture)* com excelente qualidade. Mais detalhes nas próximas edições de ELE ELA.

UM DAT DE ALTA QUALIDADE

A Sony está lançando nos EUA um gravador de áudio de fita digital (DAT-Digital Audio Tape), o DTC-700, destinado especialmente ao uso doméstico.
Mantendo o mesmo brilho das gravações dos Compact Discs, a fita DAT grava até 2 horas de som em processo digital num cassete 47% menor que os das fitas convencionais de áudio.
O consumidor pode escolher copiar com alta precisão os seus CD's ou realizar as suas próprias gravações com absoluta fidelidade, sem qualquer ruído, flutuação ou aquele chiado comum dos cassetes convencionais de áudio.
O DTC-700 tem ainda 4 motores, para uma perfeita estabilidade do transporte da fita, e mais um sofisticado programa de procura e localização das músicas na fita. Com certeza, um excelente equipamento para o usuário exigente.

A fita DAT da Sony: o mesmo brilho dos CDs

VEM POR AÍ

Os *Blues* se despedem, Bethânia faz jubileu e Rita Lee está de disco novo.

SHOW

• **Blues Etílicos,** a banda do *blues* de raiz, faz o *show* de despedida do repertório de *San-Ho-Zay* (Est. Eldorado), entre os dias 28/11 e 1º/12, no Jazzmania, Rio. Depois, Flávio Guimarães (gaita e vocal), Greg Wilson (guitarra e vocal), Gil Eduardo (bateria), Otávio Rocha *(guitarra slide)* e Cláudio Bedran (baixo) partem para as gravações de seu 4º disco.

• **Maria Bethânia 25 Anos** é o nome do *show* de lançamento do disco que comemora o jubileu de prata da carreira da cantora, com estréia prevista para meados de dezembro, no Palace, em São Paulo. No repertório, músicas do novo LP, que sai pela PolyGram na mesma época e tem arranjos de Hermeto Pascoal e Toninho Horta, além de participação de João Gilberto — nas faixas *Maria* e *Linda Flor* — e de Nina Simone — em *Pronta pra Cantar*, do mano Caetano.

DISCOS

• **João Gilberto** finalmente chegando às lojas com novo LP, pela PolyGram, no início de dezembro. O melhor em banquinho, violão e voz.

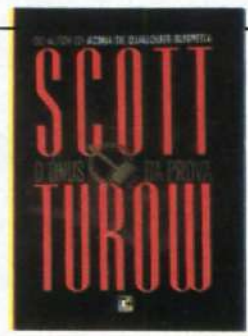
• Pelo mesmo selo são esperados para meados de dezembro três lançamentos de peso: Salif Keita — o cantor africano que gravou com Wagner Tiso —, Paco de Lucia e o novo LP de Robert Cray, *Midnight Stroll*.

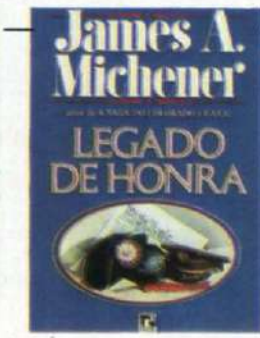
• **Rita Lee e Roberto de Carvalho** dão nome a seu novo disco, saindo pela Odeon em dezembro. Como tira-gosto, as rádios já estão tocando *Perto do Fogo*, parceria de Rita e Cazuza.

• **BB King** (com *Live at Saint Quentin*), Ray Charles (com *Would You Belive?*) e o babélico grupo Dee Lite (com *World Clique*) são as novidades da WEA para dezembro.

• De olho no *Rock in Rio II*, a mesma WEA relança *Pictures at Eleven* e *Shakin' Stirred*, do zepelinesco Robert Plant, e mais quatro LPs de Miss Donna Summer.

LIVROS DO MÊS





Quando foi lançado (em junho) nos Estados Unidos, *O Ônus da Prova*, segundo romance de Scott Turow, ganhou até capa do *Time*, e desde então não saiu do topo das listas de *best-sellers*. No Brasil, a Editora Record investiu nada menos de 500 mil dólares, incluindo cartazes, adesivos, camisetas e anúncios na imprensa, para fazer dele "o livro da primavera". Turow estreou com *Acima de Qualquer Suspeita*, sucesso também no cinema. Há dois meses, ELE ELA publicou o conto *Lurdes*, de Jacinto Rego de Almeida. O mesmo conto, com outro título *(O Asilo)*, encerra *O Monóculo*, coletânea recém-editada em Portugal pela *O Jornal* e lançada no Rio há um mês, pela Bertrand Brasil. Oportunidade para o leitor brasileiro conhecer esse que é uma das revelações da moderna literatura portuguesa. Os leitores de James A. Michener são distinguidos pela Record com a mais nova obra do escritor americano. *Legado de Honra* traz para a ficção o caso Watergate e põe em questão a própria maior democracia do Ocidente. De Marion Zimmer Bradley, a Imago lança *A Corrente Partida*, uma nova aventura da saga do planeta Darkover e suas feministas.

Para os amantes da música, a Nova Fronteira publica o *Guia da Música Sinfônica*, um volume de 952 páginas, organizado por François-René Tranchefort. O *Guia* analisa e comenta cerca de 1.500 peças orquestrais.

FILMES

• **Darkman — Vingança Sem Rosto** *(Darkman)* — Filme de aventura, em ritmo de histórias em quadrinhos, dirigido por Sam Raimi. Ele conta a história de um cientista que tem seu laboratório arrasado por uma quadrilha, sofre queimaduras terríveis e fica sem rosto. Daí em diante, ele tenta se vingar dos agressores. No elenco, Liam Neesen e Frances McDormand.

• **Garantia de Morte** *(Death Warrant)* — Policial se passa por presidiário para descobrir corrupção dentro do presídio. Acaba chegando a uma verdadeira quadrilha, encabeçada pela diretoria, que faz comércio de órgãos humanos. Com Jean Claude Van Damme, direção de Sheldon Lettich.

EXPOSIÇÕES

• **Regina Duarte** — Para comemorar os 25 anos da carreira da atriz, uma exposição de fotos com os momentos mais marcantes de sua carreira estará de 19/11 a 2/12 no saguão do Teatro Villa Lobos (Av. Princesa Isabel, Rio). Há registros desde a época em que ela era garota-propaganda aos tempos atuais.

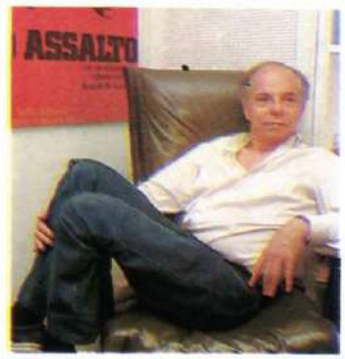
• **Augusto Rodrigues** — O fundador da Escolinha de Arte do Brasil expõe suas pinturas no Centro Cultural Banco do Brasil na primeira quinzena de dezembro. De terça a domingo, das 10 às 22 horas, na Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio.

TEATRO

• **A Balada de Zerline** — Até início de 91 o carioca terá a oportunidade de assistir à encenação do texto do alemão Herman Broch, com direção de Rubens Corrêa. Natália Timberg está no elenco. No Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66, Rio).

TV

• **Amazônia Viva** — O Centro Cultural Rio-Cine Festival produziu e estará apresentando dia 9 de dezembro, um programa de TV sobre meio ambiente a ser transmitido em cinco continentes. Confirmadas a participação de Gilberto Gil e Sting. O canal brasileiro que transmitirá o programa ainda não havia sido decidido quando do fechamento desta edição.



***Darkman* sai da HQ para a tela, Corrêa mostra Broch e Regina ganha exposição.**

O ensaio *Japão*, publicado em nossa edição de outubro (n.º 256), contou com o excelente trabalho dos fotógrafos N. Hashimoto, J. P. Laffont, Alain Keller, P. Perrin e U. Gosset da agência Sygma.

DISCOS DO MÊS

Fim de primavera parece mesmo ideal para se sentar à sombra e ouvir os sons do verão que chega. À sombra do que restou do Muro de Berlim, em pleno verão deles, Roger Waters reencenou *The Wall*, o disco/filme dos tempos do Pink Floyd. Saindo em disco — *The Wall Berlin 90* (PolyGram) —, o *show* foi reforçado por Van Morrison, The Band, Simead O'Connor e outros. Mais ao sol, Bob Geldof — o Pink Floyd no filme de Alan Parker — ataca com *The Vegetarians of Love* (PolyGram), dançante e inspirado na música da Louisiana. Já que estamos dançando, saiba que The Blues Brothers Band não acabou. Em *Live in Montreux* (WEA), eles trazem pérolas do *rythm n'blues* em alto estilo. Continuando na pista, agora em ritmo *disco*, *Romantic?* (EMI), do The Human League não deixa a peteca cair. Na trilha do bom humor vocal, os Inimigos do Rei confessam que são *Amantes da Rainha* (CBS) escrachando toda a corte. Em alta também o som dos australianos do INXS. *X* (PolyGram) é um verdadeiro caldeirão de ritmos. Voltando à sombra e à água fresca, recomendamos em especial o disco de Paulinho da Viola da *Série Fanzine* (WEA), *Pure Gershwin* (WEA), na voz e piano do fera Michael Feinstein e o primeiro e imperdível LP do *Duofel* (Estúdio Eldorado), com violões afinadíssimos com o interior. Agora vá e tire aquela *cerva* do *freezer*.

PRAZERES

Fotos: Márcio Sallowicz. Produção: Suzana Markovits. Assistente de Produção: Sandra Rodrigues

▲ Quem curtia os antigos jogos de ludo, com certeza vai se apaixonar por esse modelo magnético, italiano. Da Bar Supply, São Paulo.

▲ Meio extravagante, diferente, é a calculadora eletrônica em forma de mesa de sinuca, com caneta acoplada. Da Blooming, São Paulo.

▶ Em madeira e latão, o cinzeiro em forma de escotilha é perfeito para casas de praia, veleiros, beira de piscina, terraços etc. Em cima, o cigarro para emergências. Da Bar Supply, São Paulo.

▼ Maior estabilidade, painel reprojetado para dar leitura rápida, dois porta-luvas, carenagem integral proporcionando melhor penetração aerodinâmica. É a CBX 750 F Indy, da Honda.

Direto das *highlands* escocesas para nossos copos, o Cardhu Scotch Whisky, tipo 12 anos, já está à venda nas melhores importadoras. Afinal, o fim do ano está aí.

Pode ser um bom presente para quem é chegado a uma partidinha de golfe. Ou para os simplesmente excêntricos, que gostam de novidades. Da Blooming, São Paulo.

Nada mais prático na mesa de trabalho do que este *kit* com calculadora eletrônica, relógio, porta-clipes, canetas e espaço para anotações. Da Blooming, São Paulo.

É o máximo da tecnologia em pouco espaço. A gente coloca o dedo dentro da maquininha e em poucos segundos tira a pressão e o pulso. Da Fumo e Cia, São Paulo.

O gravateiro eletrônico da Blooming, São Paulo, vai ser a sensação do seu *closet*. As gravatas de seda são de Pierre Cardin.

PRAZERES

Fotos: Márcio Sallowicz. Produção: Suzana Markovits. Assistente de Produção: Sandra Rodrigues

Quem curtia os antigos jogos de ludo, com certeza vai se apaixonar por esse modelo magnético, italiano. Da Bar Supply, São Paulo.

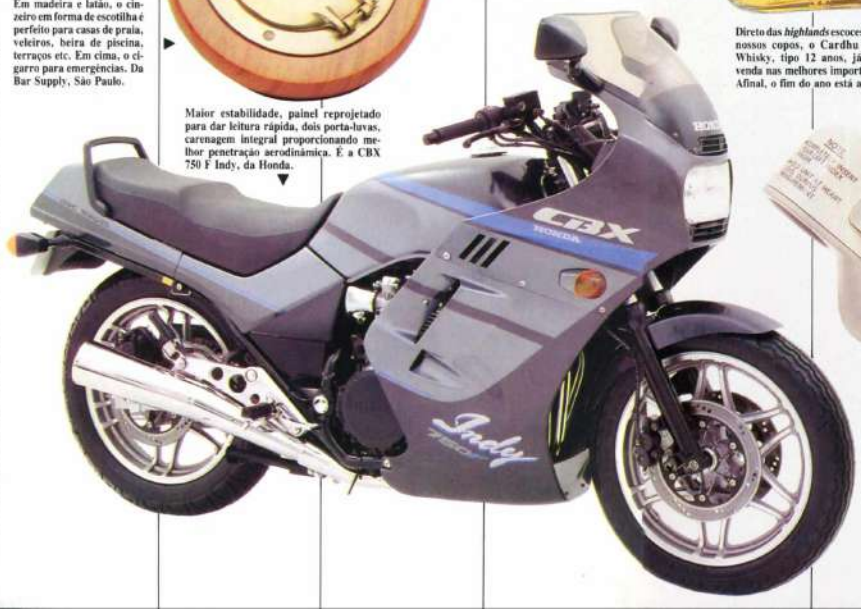
Meio extravagante, diferente, é a calculadora eletrônica em forma de mesa de sinuca, com caneta acoplada. Da Blooming, São Paulo.

Em madeira e latão, o cinzeiro em forma de escotilha é perfeito para casas de praia, veleiros, beira de piscina, terraços etc. Em cima, o cigarro para emergências. Da Bar Supply, São Paulo.

Direto das *highlands* escocesas para nossos copos, o Cardhu Scotch Whisky, tipo 12 anos, já está à venda nas melhores importadoras. Afinal, o fim do ano está aí.

Pode ser um bom presente para quem é chegado a uma partidinha de golfe. Ou para os simplesmente excêntricos, que gostam de novidades. Da Blooming, São Paulo.

Nada mais prático na mesa de trabalho do que este *kit* com calculadora eletrônica, relógio, porta-clipes, canetas e espaço para anotações. Da Blooming, São Paulo.



Maior estabilidade, painel reprojetado para dar leitura rápida, dois porta-luvas, carenagem integral proporcionando melhor penetração aerodinâmica. É a CBX 750 F Indy, da Honda.

É o máximo da tecnologia em pouco espaço. A gente coloca o dedo dentro da maquininha e em poucos segundos tira a pressão e o pulso. Da Fumo e Cia, São Paulo.

O gravateiro eletrônico da Blooming, São Paulo, vai ser a sensação do seu *closet*. As gravatas de seda são de Pierre Cardin.

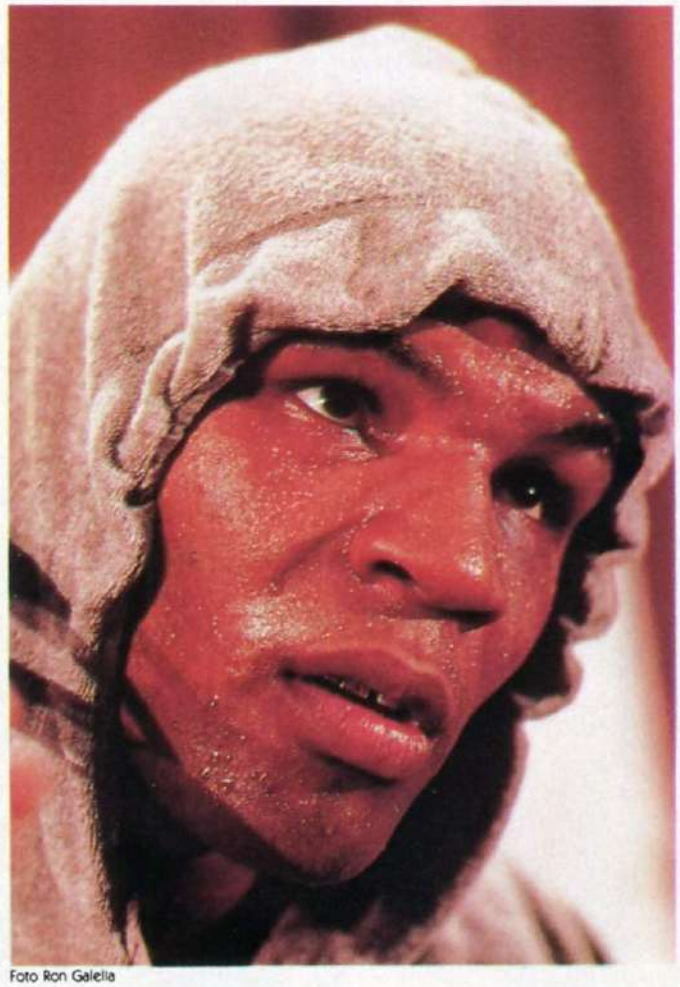
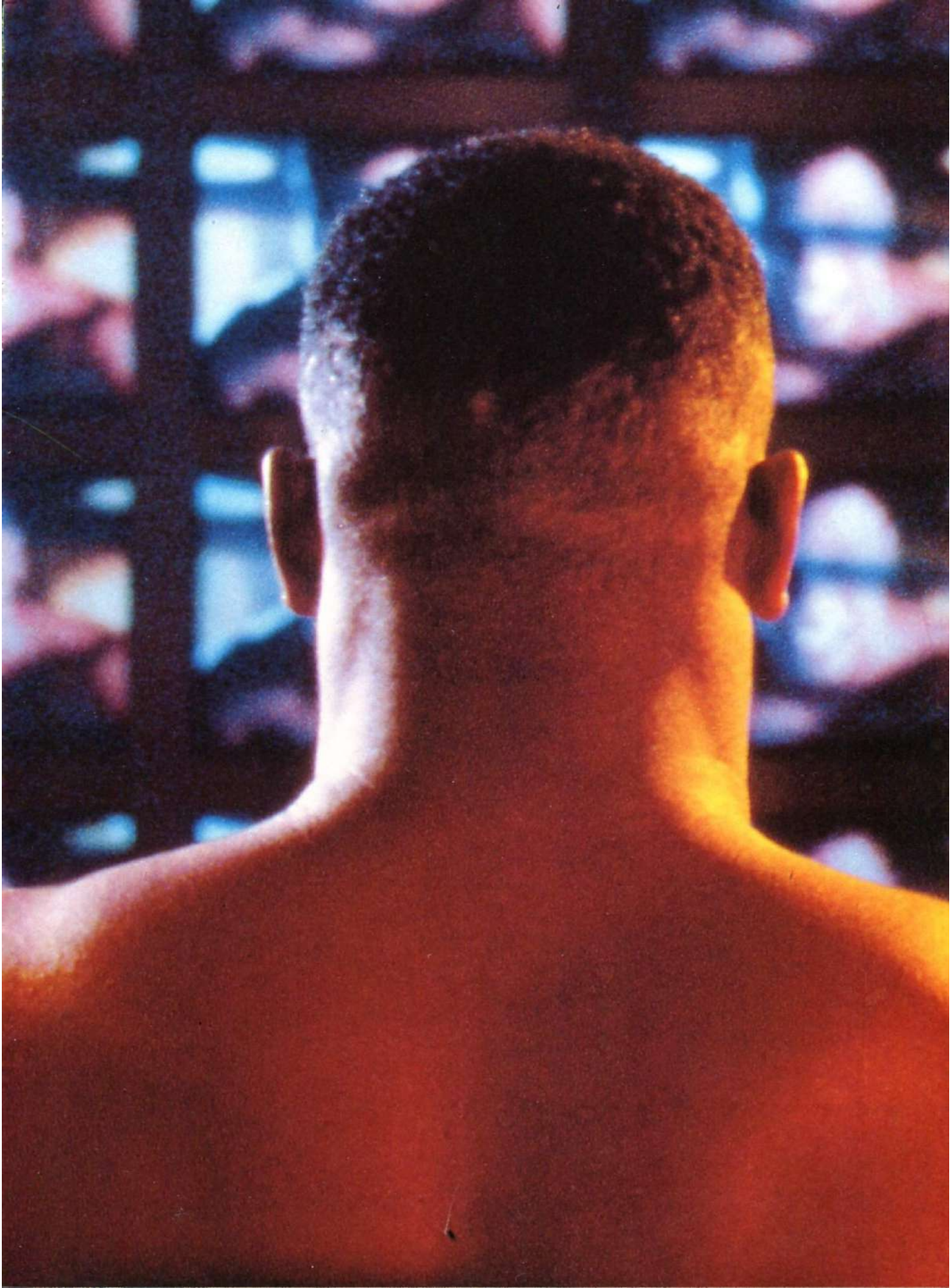


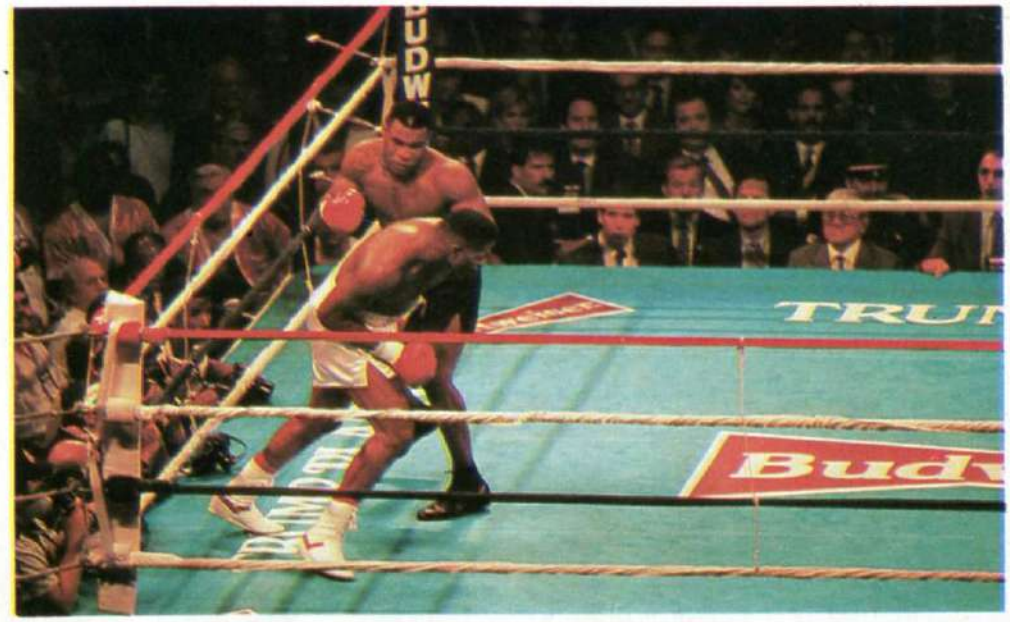
Foto Ron Galella

MIKE TYSON

A vida tem dessas ironias: o menino Mike Tyson era medroso, apanhava de todo mundo, até de garotos menores. Só foi descobrir a fera que morava nele quando tentaram roubar seus pombos de estimação. Ele enlouqueceu, deu numa turma inteira e continuou a distribuir sua incontida violência vida afora, até que chegou aos ringues. Só parou de bater quando Buster Douglas arrebatou-lhe o título e a arrogância. Mas, ao que tudo indica, isso não vai ficar assim.

Por SÉRGIO COSTA
Fotos E. Adams/Sygma





Buster Douglas escapou de boa, ao beijar a lona aos pés de Hollyfield. Mais cedo ou mais tarde, ele teria que cruzar de volta com Mike Tyson. E Tyson, com raiva, consegue ser pior do que o Hulk no mesmo estado. Com raiva e um objetivo: recuperar o cinturão de campeão dos pesos-pesados que considera seu e todos os que têm bom senso — e alguma prudência diante de seus punhos de aço — também.

Tyson, o atleta mais bem pago do mundo, está voltando. Desde abril treina para entrar na velha forma e perder a alcunha de ex-campeão. Está queimando etapas para retomar o que é seu. Não se importa sequer com o adversário: Foreman, Hollyfield, Douglas, alguém vai ter que cruzar seu caminho. Tudo, no entanto, poderia ter sido bem diferente. Mike Tyson pretendia se aposentar no fim deste ano. Para isso, nocautearia James *Buster* Douglas, depois o Hollyfield — que tinha feito Maguila ver estrelas — antes de pendurar o cinturão como o maior fenômeno do boxe de todos os tempos. Mas quis o destino que, numa noite de fevereiro no Japão, ele conhecesse pela primeira vez o gosto da lona, nocauteado pelo *fanfarrão* Douglas.

Teve, então, que mudar seus planos. Ao repórter Earl Gustkey, do *Los Angeles Times*, o único que conseguiu ouvi-lo após a derrota, disse que pensava muito nela, mais precisamente "todo dia. E cada vez que tento apagá-la de minha mente, ela reaparece". A superação do trauma parece ter um único caminho: o dos socos. E ai dos queixos que cruzarem sua frente, até apagar sua dor.

Antes dos socos, porém, uma autocrítica. Tyson reconheceu que andava desleixado quanto aos treinamentos e à alimentação. Dera para beber, não apenas para desfrutar dos louros de vitórias cada vez mais fáceis, como também para afogar mágoas de um desastrado casamento com a gatinha Robin Givens, que lhe aplicou um tremendo golpe do baú. Privacidade, então, nem se fala. Andaram até espalhando que o bicho era *gay* (nós não, ó Tyson!), fora as baixarias públicas do tal casamento e do conseqüente divórcio litigioso.

Não era, portanto, um Tyson inteiro e íntegro quando cruzou bigodes com James *Buster* Douglas. Estava, inclusive, de coração mole ou amolecido pelo D. Perignon que se habituara a consumir em doses industriais — algo impensável para quem costumava declarar: *"Cada golpe meu tem uma intenção assassina."* Isto dito olhos nos olhos, seria capaz de gelar a espinha até de seguranças de botequins cariocas.

Mike Tyson pode ser definido com um antes e depois de Douglas. AD e DD: Antes e Depois da Derrota. O prepotente, arrogante, auto-suficiente, biriteiro e desequilibrado que subiu ao ringue de Tóquio para defender o título mundial, 37 vitórias, 33 por nocaute, diante de Douglas, morreria ali aos 23 anos.

Aos 1m e 23s do décimo assalto daquela luta veio a seqüência de golpes que derrubou o mito: um *upper* de direita, um cruzado de esquerda, um direto de direita e mais um cruzado de esquerda. Tudo na cabeça. E o campeão caiu. Deu pena. Ele ainda tentou se levantar, mas não viu mais nada, caminhou completamente grogue, sem som nem imagem, e caiu por cima do juiz.

Douglas, por sua vez, festejou com méritos. Havia se preparado para o desafio. Espancou o mito, fez com que beijasse o chão. Humilhou-o diante do mundo, deu novo ânimo ao esporte. Há, inclusive, quem desconfie daquela queda. Dois *rounds* antes, Tyson derrubara Douglas e o árbitro retardara o início da contagem que garantiria mais um nocaute na carreira do campeão. Com isso, Douglas se levantou e, mais bem preparado como estava, com Tyson com todos aqueles problemas, teve sua chance de liquidar a fatura.

A queda de Tyson veio então a se tornar extremamente oportuna — já que suas seguidas vitórias estavam se tornando monótonas, principalmente para os apostadores. Se houve trapaça ou não, é possível que jamais se saiba. Mas sua derrota também não foi assim tão imprevisível. Antes da luta com Douglas, não foram poucos os jornais a estamparem manchetes alertando o público de que o próprio Tyson seria seu maior adversário, em função dos problemas que vinha atravessando, da vida desregrada, da falta de treinamento e de motivação. Ele tinha, inclusive, caído diante de um *sparring*, pela primeira vez na vida, um mês antes da luta com *Buster* Douglas. Havia sinais de catástrofe no ar. Mesmo assim, ele entrou no ringue como favorito para enfrentar Douglas. Favorito apenas pelo seu prestígio e retrospecto. Não bastou.

Quando Mike Tyson sobe ao ringue, até o mais experiente boxista fica apreensivo. E não foi diferente naquela ocasião. Ele subiu com seu indefectível calção negro — e apenas ele — com o retrospecto que todos conhecem, três cinturões de melhor do mundo e três anos de reinado absoluto no mundo do boxe, que o fizeram se tornar o mais bem pago esportista do universo. Só este ano, embolsou 28 milhões de dólares, quase três vezes mais do que o Campeão Mundial de F-1, Ayrton Senna. E olhem que ele não usa macacão e trabalha poucas vezes por ano.

Seu ganha-pão é simples. Ele já surge como vai lutar. Dispensa o máximo de salamaleques. Olha com raiva para o adversário, luta o mais rápido que puder, mete a mão na bolsa milionária e vai embora. Nessa, já fez a fortuna de muito desafiante mais ou menos. O nosso próprio e ingênuo Maguila um dia acalentou o sonho de conhecer de perto a força de seus golpes mortais e ganhar uma nota verde em poucos minutos. Não deu. Caiu diante de Hollyfield antes de Tyson cair diante de *Buster* Douglas.

Vá lá, retomando o fio da meada, que Douglas tenha pego Tyson num mau dia, num momento ainda pior de sua vida. Mas venceu e ficou com os três cinturões unificados por Tyson de uma só vez. Os três num só que perderia de forma humilhante no segundo assalto de sua luta contra o desafiante Hollyfield.

Douglas, dono de um faturamento este ano de 26 milhões de dólares — vinte e seis paus! — surgiu gordo, flácido e lento diante de um Hollyfield sequíssimo e muito bem disposto a roubar-lhe um cinturão, uma gorda bolsa e desfrutar o máximo que puder das glórias de ser campeão mundial dos pesos-pesados antes de colocar seu título em jogo com o veterano George Foreman ou, então, com Mike Tyson. Sim, porque mais cedo ou mais tarde Tyson vai ter que buscar seu título de volta.

Desde que beijou a lona naquele décimo *round* da luta com Douglas que ele não pensa em outra coisa, a não ser no seu título, que anda trocando de mão mais rápido do que consegue um campeão para desafiar. Mas sua meta é esta. Assim como não esquece a derrota, quer o título de volta. Afinal, não se tornou, aos 20 anos, o mais jovem campeão do mundo dos pesos-pesados à toa. E é aqui que começa sua história de verdade.

Os três cinturões de campeão mundial de pesos-pesados (um de cada Liga) foram ganhos com uma selvagem saraivada de golpes em 37 lutas, com 33 KO.

A história de um menino de rua, órfão de pai, criado no Brooklyn de Nova Iorque, atarracado, esquisito e desenturmado. Um menino que certamente não daria para nada na vida, além de marginal do Brooklyn. Ou então para gigolô de bicha. Sim, porque o nosso Tyson (olha aí, ô grandão, é a história!) era tímido, falava baixinho e manso, e em vez de brincar com os moleques de rua da barra pesadíssima de Bedford-Stuyvesant, bairro do Brooklyn onde morava, preferia ficar em casa com a irmã. Era tido como a bichinha da rua.

Aos 10 anos, o batismo de fogo. Mudou-se com a família — a mãe e dois irmãos — para Brownsville, ainda no Brooklyn, onde a barra era insustentável. Para um *veadinho* como Mike, então, mais que isso. Cansou de levar porrada no caminho de casa e ver seus míseros trocados, às vezes até os sapatos, roubados pelo primeiro com quem cruzasse na rua.

Até que aconteceu o inevitável. Tyson criava pombos. Isso mesmo, pombinhos a quem chamava de filhos. E um dia, um menino da rua quis roubar seus pombinhos e despertou o vulcão que habitava aquele pacato e delicado crioulinho. Mike Tyson distribuiu porrada pela primeira vez na vida. Socos, muitos socos, em quem quer que aparecesse na sua frente. Socos em quem tentou roubar seus pombos, socos em quem já havia roubado seus sapatos e *cents*, socos a granel, no atacado e no varejo, porque o mariquinhas tinha tomado gosto pela coisa. Parecia a versão nova-iorquina de Madame Satã. Mas esta história se dá no Primeiro Mundo e logo embicará na direção do sucesso.

Primeiro no mundo do crime. Lógico que um potencial assassino daqueles não passaria despercebido às gangues do Brooklyn. E ele foi cooptado para *trabalhar* com os garotos mais velhos. Que mais poderia fazer um garoto pobre, nascido nos subúrbios de uma grande metrópole, do que se tornar um marginal? Durou pouco, no entanto, sua carreira no crime. Aos 13, foi preso e encaminhado à Funabem local, a Tyron School, onde continuou batendo em todo mundo, até conhecer um sujeito chamado Bobby Stewart, que lhe ensinou o boxe. Gostou, claro, e como mostrou aptidão para a coisa, Stewart o apresentou a Cus D'Amato.

D'Amato era um veterano treinador, campeão mundial nos anos 60 com Floyd Patterson, que sempre sonhara encontrar alguém com todas as características de um grande lutador de boxe, mas que jamais houvesse lutado boxe, para transformá-lo num campeão. Quando viu aquele moleque lutar três *rounds* com Bobby Stewart, Cus tremeu e vibrou ao mesmo tempo. Tinha encontrado o lutador que procurara por toda a vida. Aquele neguinho — eufemismo — mais parecia uma usina atômica prestes a explodir. Se conseguisse canalizar toda aquela energia para o esporte e dar-lhe alguma técnica, teria em breve um grande candidato a campeão nas mãos. Não vacilou diante da oportunidade única que surge na vida e adotou o guri. Despertou-lhe a paixão pelo boxe, fez com que assistisse a inúmeros filmes sobre o assunto e ensinou-lhe, entre outras coisas mais importantes, os fundamentos do esporte.

Esses menos importantes, porque apesar de Tyson conhecer bem os fundamentos do seu ofício, principalmente os socos, não costuma ligar muito para a técnica. Ele mira no nariz do adversário e bate com toda a vontade e força que a natureza lhe deu. Se o cara botar as mãos na frente, ele soca junto. E o faz incansavelmente, até vê-lo cair. Geralmente não demora muito. Ele soca tudo sem parar, até desmontar o sujeito. Assim fez 34 vezes, nos 34 nocautes de suas 39 lutas. Uma derrota, por nocaute. Para Buster Douglas. Que ele não esquece.

Cus D'Amato ensinou Tyson principalmente a controlar seu medo, a dominar sua força e a expressar sua raiva do mundo através dos punhos. As conseqüências seriam — e foram — óbvias. Os dois se trancaram na casa do treinador até sua morte, em 85, aos 77 anos de idade. Tyson tinha, então, 19 e era profissional há apenas oito meses. Havia lutado 13 vezes e vencido todas por nocaute, nove das quais no primeiro *round*.

Rocky, um lutador, era ele. D'Amato, seu mestre. De quem Tyson aprendeu tudo, fez tudo que o mestre ensinou, descobriu sua força e passou a utilizá-la em seu favor. Mas não pôde mostrar ao mestre a realização de seu sonho. Um ano depois da morte de Cus D'Amato, Tyson subiu ao ringue, em Las Vegas, para desafiar Trevor Berbick, campeão mundial do Conselho Mundial de Boxe, título que não conseguiu manter por mais de dois *rounds* diante daquele garoto de 20 anos. Mike Tyson, tal e qual previra D'Amato, tornava-se campeão mundial. O mais jovem da história do esporte.

A história, a partir daí, tem três anos de sucessos, três anos de vitórias, três anos de nocautes, bolsas milionárias, fama, títulos e, como não poderia deixar de ser, alguns escândalos. Quem, no entanto, e em se falando de esporte, não caiu a seus pés, foi porque usou e abusou do *clinch* para escapar de seus socos e da lona conseqüente. Foi o que fez James *Quebra Ossos* Smith (de quem roubou o título de campeão da Associação Mundial de Boxe) e Tony Tucker (idem com o título da Federação Internacional de Boxe), duas de suas quatro vitórias por pontos. Os caras eram campeões mas não eram loucos.

Mike Tyson era um campeão fora de padrão. Baixinho (1,78m), canelas finas, pouca habilidade em jabear, tinha mesmo mais jeito de bicho solto do que de melhor do mundo. Suas armas sempre foram a frieza e a rapidez, além do corpo musculoso e do pescoço atarracado, com 50cm de circunferência, que apenas James *Buster* Douglas e Robin Givens fizeram balançar o que lhe vai por cima. Douglas o fez beijar a lona, mas teve seu caminho facilitado por Givens. Desde seu casamento em 88, até a derrota em 90, foi a relação com ela que desequilibrou o rapaz e tirou sua concentração nos ringues.

Uma seqüência rápida de bandeiras. Quebrou sua mão e(n)a cara de um rival numa briga na rua, tornou a quebrá-la num saco de areia, bateu com o carro e abandonou-o na rua e teve que enfrentar uma tremenda batalha jurídica para romper seu contrato com o empresário Bill Clayton e deixar seus interesses nas mãos de Don King. O suficiente para deixar qualquer Maguila de cabelos em pé. Mas Tyson ainda seguiu ganhando algumas lutas, até trombar de frente com Douglas.

Seu mundo caiu. Mas diz-se que quando se atinge o fundo do poço, só resta subir. Nocauteado por alguém com um cartel apenas razoável, Tyson entrou em depressão, matou mais algumas garrafas de *champagne* e decidiu mudar de vida para reconquistar seu título. Teve, inclusive, um filho, Damato Kilvane Tyson. Um menino nascido em maio, filho de uma ex-namorada, Natalie Fears. No mês seguinte, voltou ao ringue.

Apaziguada a vida particular, com três meses de treinamentos intensivos longe de tudo e de todos, Tyson, um quilo e meio mais magro do que quando perdeu o tí-

Tyson é o esportista mais bem pago do mundo, deixando no chinelo os ases da Fórmula-1. Só mais este ano, que não foi dos mais felizes, embolsou 28 milhões de dólares.

tulo, foi a Las Vegas enfrentar um antigo desafeto: Henry Tillman, que quando eram amadores o vencera duas vezes. O resultado não poderia ser mais convincente: nocaute aos 2m e 47s do primeiro assalto.

Nestes pouco menos de três minutos, o que se viu foi um Tyson furioso como nos bons tempos, partindo para cima do adversário, ágil como nunca e disposto a acabar com a luta o mais cedo possível. Depois da contagem do árbitro é que veio a novidade. Mike Tyson foi até seu adversário e ajudou-o a se levantar. Foi gentil e simpático. Deu a volta por cima e quase anunciou um "me aguardem".

As mudanças vão além do ringue — após o nocaute, claro. Tyson montou casa para sua nova família, passou a se vestir com apuro e elegância e tem adotado atitudes de um verdadeiro *gentleman*. A fera, quando não luta ou treina, é agora a mais simpática e cordial das figuras. Nos olhos, no entanto, uma certeza enquanto fala: *"Logo, logo serei campeão mundial de novo."*

Alguém discorda?

Foto Marco Antônio Resende

ABOBRINHAS DE VERÃO

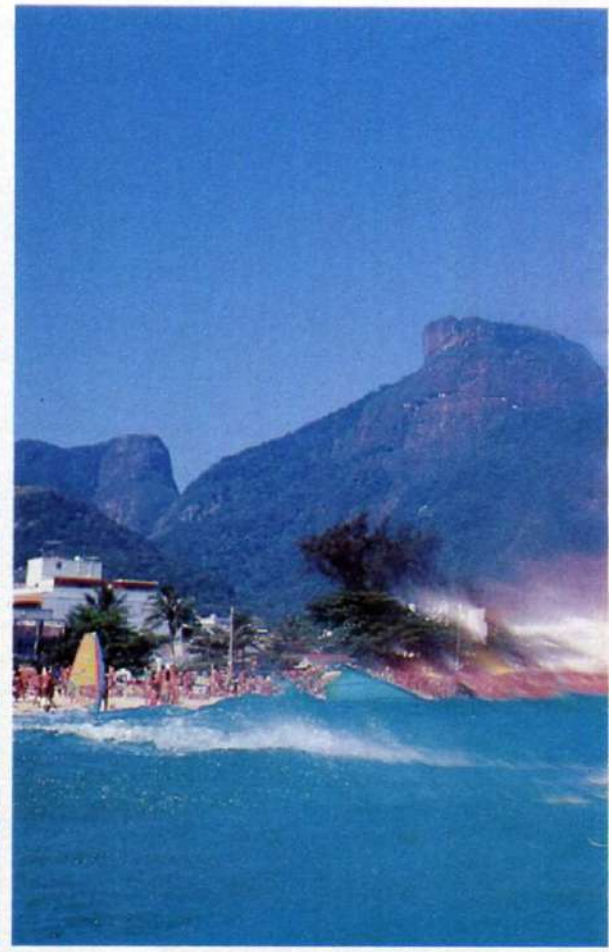
Summertime. E um grande desassossego em todos nós. Tempo bom, férias, praias, festas, mulheres seminuas e nuas, um monte de bobagem para conversar. A sensação é de que temos todo o tempo do mundo. E como o sol é democrático, sob ele levamos quase todos os mesmos papos. Quem vai ser a musa, que que se vai fazer no carnaval? Vai viajar pra onde? E assim, entre planos e pequenos modismos, se vive o verão.

Por SÉRGIO COSTA

Foto Ismar Ingber

Foto André Kalcsi

Foto Marco Antônio Resende



A musa do último verão pintou aos 45 e meio do segundo tempo. Veio na enxugada de março que secou saldos, poupanças e deu um tranco na ciranda financeira. Porque os verões são sempre surpreendentes. Enquanto todo mundo procura um programa, planeja suas férias e reclama do calor, a estação passa. Só quando está para acabar é que revela sua cara. Todo verão tem uma. A do último foi a da desconfiança. Desde que o Presidente Collor foi eleito em dezembro, ficou todo mundo ressabiado, cheio de cautela, um olho no sol, outro no *overnight*, na expectativa de que iria dar para sair na hora certa. Para a maioria não deu. E o programa de fim de verão foi ouvir entrevistas da Zélia, a musa, falando de liquidez e transações todos tesos na escuta.

O verão de 88/89... Este verão foi há tanto tempo. Parece até que aconteceu em outro país. Teve até um plano econômico batizado com seu nome, umas lambadas, muitas lambanças, chuva de montão e, por isso mesmo, uma sensação de que não houve verão. A não ser em São Paulo, onde o clima ficou tão quente que uma nordestina, filiada ao PT e chamada Erundina, se tornou alcaidessa. Foi assim. Um verão de pouca nudez, excesso de liquidez e uma musa chamada Erundina.

Como vê, suado leitor, os verões nunca se repetem. Eles têm cada um suas musas, suas gírias, suas modas e terminam em março. Às vezes um pouco mais cedo, quando o carnaval cai no início de fevereiro, noutras mais tarde, e aí depende de até quando arde o sol. Só uma verdade permanece até o verão seguinte. A de que nenhum deles é definitivo. Todos passam. E quase sempre nada parece mais distante do que o verão passado, aquele namoro antigo, a viagem pro Nordeste... Quem se lembra do verão das amizades coloridas? E do da abertura, da política do corpo, do Fernando Gabeira de tanga no Posto Nove em Ipanema? Quem se lembra do Posto Nove? E do Pier, então? Do verão gaúcho de 82, quando o Brizola era governador do Rio, Baltazar era artilheiro de Deus e do Flamengo e o Kleiton e Kledir faziam sucesso? Epa! Brizola é de novo governador do Rio, o grupo gaúcho Engenheiro do Hawaii faz sucesso em todo o Brasil e no Flamengo barbarizam Renato Gaúcho e Gaúcho. Barbaridade!

Bá! Talvez a história goste de se repetir. E os verões, de uns oito em oito anos, também. Quem sabe o verão não é um senador na república tropical? E se o próximo for se repetir tal e qual o de 82, já que ele começou com uma eleição que devolveu alguns estados aos mesmos governadores de oito anos atrás, é possível que muita coisa volte a ser o que foi, ainda que quase uma década mais velha.

Você se lembra de onde e como estava no verão de 82/83? Naquele tempo, refresque a memória, havia inclusive futebol. Em que pese termos perdido a Copa da Espanha, tínhamos uma Seleção que impunha respeito e é tão lembrada na Itália

Foto Marco Antônio Resende

Foto Armando França

QUE O *JET SKI* É O VEÍCULO DA ESTAÇÃO, ISSO NEM É PRECISO DIZER. A GRANDE DÚVIDA DO PRÓXIMO VERÃO É SABER AONDE VAI PARAR A MARQUINHA DO BIQUÍNI DA MULHER, JÁ QUE O ESSENCIAL, COMO SE VÊ NA FOTO (AO ALTO E À ESQUERDA), NÃO SE ESCONDE DO SOL HÁ MUITO. ASSIM COMO O RIO DE JANEIRO, QUE NESTA ÉPOCA DO ANO REVELA SUA VOCAÇÃO PARA CAPITAL DO PRAZER.

pelos italianos quanto a *Squadra Azzurra* que nos roubou o tetra. Nela brilhavam Zico, Júnior, Falcão, Cerezo, Leandro e Sócrates. Oito anos depois, perdemos a Copa da Itália, num vexame de dar dó, saindo logo nas oitavas. Foi preciso chamar o Falcão para arrumar a casa. Em pleno verão, o primeiro da última década do milênio, os melhores do Brasil respondem por nomes de guerra tais como Gil Baiano, Paulão, Cafú, Charles e cia. Nada mal, tampouco bom sinal.

Mesmo porque este é um esporte antigo, que já não nos faz a cabeça. Nas conversas, hoje em dia, só dá o Supercanal ESPN. A galera só quer saber de discutir beisebol, futebol americano e outras complicações esportivas. Mesmo que delas pouco se entenda. Aliás, diante de tamanha febre de importações, conseqüência da política neo liberal do governo Collor, é provável que a musa deste verão venha de fora. Em nome do combate à inflação e da defesa da economia de mercado, nossos supermercados foram invadidos por uma variedade incrível de produtos importados: fraldas chilenas, chocolates americanos, manteiga argentina, alho espanhol, azeite português, cerveja alemã, brinquedos coreanos... uma farra que no fundo está propiciando um enorme prazer ao consumidor. Sem falar na tremenda economia. Pra que ir até Miami para comprar aspirina, tomar Budweiser e trazer vídeo importado?

Será este, então, um verão consumista? Em plena recessão anunciada, com direito a nova crise do petróleo, viveremos uma explosão de demanda, uma evasão de divisas, seguida do alardeado sucateamento da indústria nacional? Quem viver, saberá. De qualquer forma, se assim o for, ainda será melhor do que o do ano passado, em que nós ficamos por aqui e o presidente eleito foi para as Seychelles. A expressão da moda era *nojento*!, imortalizada pelo arejado sorriso de Tião Macalé num reclame de tevê, e depois incorporado pelo Afonso Camargo em sua campanha para presidente. Afonso era aquele candidato que ficava lendo cartas de crianças não-eleitoras no seu horário no programa do TRE, lembram?

E o verão anterior? O da lata, outra musa daquela estação. Tudo por causa de um barco de bandeira panamenha (sic) chamado *Solano Star* que, interceptado pela guarda-costeira, inundou as costas cariocas com centenas de latas da mais poderosa maconha de que se teve notícia deste lado do mundo. Resultado, foi um verão chapadão, meio *dark*, um clima de *9 e 1/2 Semanas de Amor*, um *clip* yuppie-erótico que fez muito sucesso na época. Com a sucessão de notícias sobre personalidades que seriam vítimas da AIDS (naquele verão muito se falou desta síndrome, depois ela foi meio esquecida, mas continua por aí sem cura), o grande lance foi o *safe-sex*, todo mundo esquivo, se exibindo, se admirando, mas sem relar sequer a mão.

Foto Frederico Mendes

ABOBRINHAS DE VERÃO

As moças, depois de décadas de magreza e centenas de anos de malhação, deram um valor às formas redondinhas e elas ganharam a estação. A rival da lata, foi, então, a gracinha da Giulia Gam, a adorável Jocasta jovem de uma novela chamada *Mandala*. Antigo, né? Mas durou poucos capítulos, logo depois Jocasta passou a ser interpretada por Vera Fischer e seu romance com o Édipo Felipe Camargo extrapolou o vídeo e mudou o destino dos dois atores. Vera, inclusive, acabou sua veteraníssima relação com Perry Salles, que já durava desde o verão em que ela foi a *Superfêmea*, no tempo das pornochanchadas.

Abobrinhas de verão. Mas o que mais você acha que se fala naqueles intermináveis papos na beira do mar ou nas portas de bar? Certamente, desta vez, se vai comentar que a Giulia Gam agora trabalha com Gerald Thomas, naquelas peças complicadas que ele faz e poucos sabem comentar depois que acaba. Vida que segue, como diria o João Saldanha, lamentável ausência do próximo verão. Mas quem nunca imaginou Giulia Gam ao lado da Bete Coelho, também se espantaria ao passar num dia de sol na frente de um cinema e ver anunciado um filme chamado *As Tartarugas Ninjas*. Sério. Na década de 70, num daqueles verões chapadões como o da lata, você acha que alguém veria um filme chamado *As Tartarugas Ninjas*? E o pior é que é até legal. Tempos loucos, em que uns dias chove, noutros faz sol e a gente vai levando, quem sabe até março, quando o sol parte para esquentar o hemisfério norte e criar por lá os modismos que, no verão seguinte, a gente vai adotar ou não.

Porque se tudo vem de fora, até o que é nosso vem também. Dois dos melhores discos deste fim de ano, por exemplo, não têm nada de novo, a não ser o sotaque internacional do trabalho de uns velhos conhecidos nossos: Chico e Caetano. Um veio com a gravação de sua temporada em Paris, o outro, com gravações de versões acústicas feitas nos EUA. As músicas são todas conhecidas, mas uma delícia de ouvir. Estava no meio da rua, uma nega maluca me apareceu. Era Billy Jean.

Que mais a gente pode trazer de fora para dar cor ao verão daqui? Podemos tentar imaginar o verão daqui pelo que foi por lá. Pra começar, na Europa e nos EUA fez um calor do cão. Para os padrões locais e para os nossos. Quarenta graus em Paris é quente para todo mundo. Se por aqui for assim, estamos fritos. Foi também o início de um verão sem fronteiras, em que o Muro de Berlim caiu, a Cortina de Ferro se abriu e o fortalecimento da Comunidade Européia aponta para uma nova organização geopolítica mundial. Podemos seguir o exemplo e trocar mais figurinhas com argentinos, uruguaios, peruanos, bolivianos. As fronteiras do nosso país, ao contrário do que se pensava até aqui, não dão para a França, a Inglaterra, Itália, Portugal e Estados Unidos. Ainda somos um dos primeiros dos últimos.

No campo do comportamento, houve a volta da nudez nas praias e piscinas públicas. As moças, que já adotavam maciçamente o *top-less*, dispensaram de vez o resto do traje de banho. O negócio é liberdade total para o corpo. E por aqui, como será? Que estranha parte da anatomia será escolhida para ser escondida? Há alguns verões, quando começou esta onda de fio-dental, foi um triângulo localizado no início das costas femininas, logo acima da bunda, que não podia tomar o sol. Quando as mulheres tiravam a roupa, revelavam belíssimas bundas bronzeadas e um misterioso triângulo branco nas costas. Quem entende?

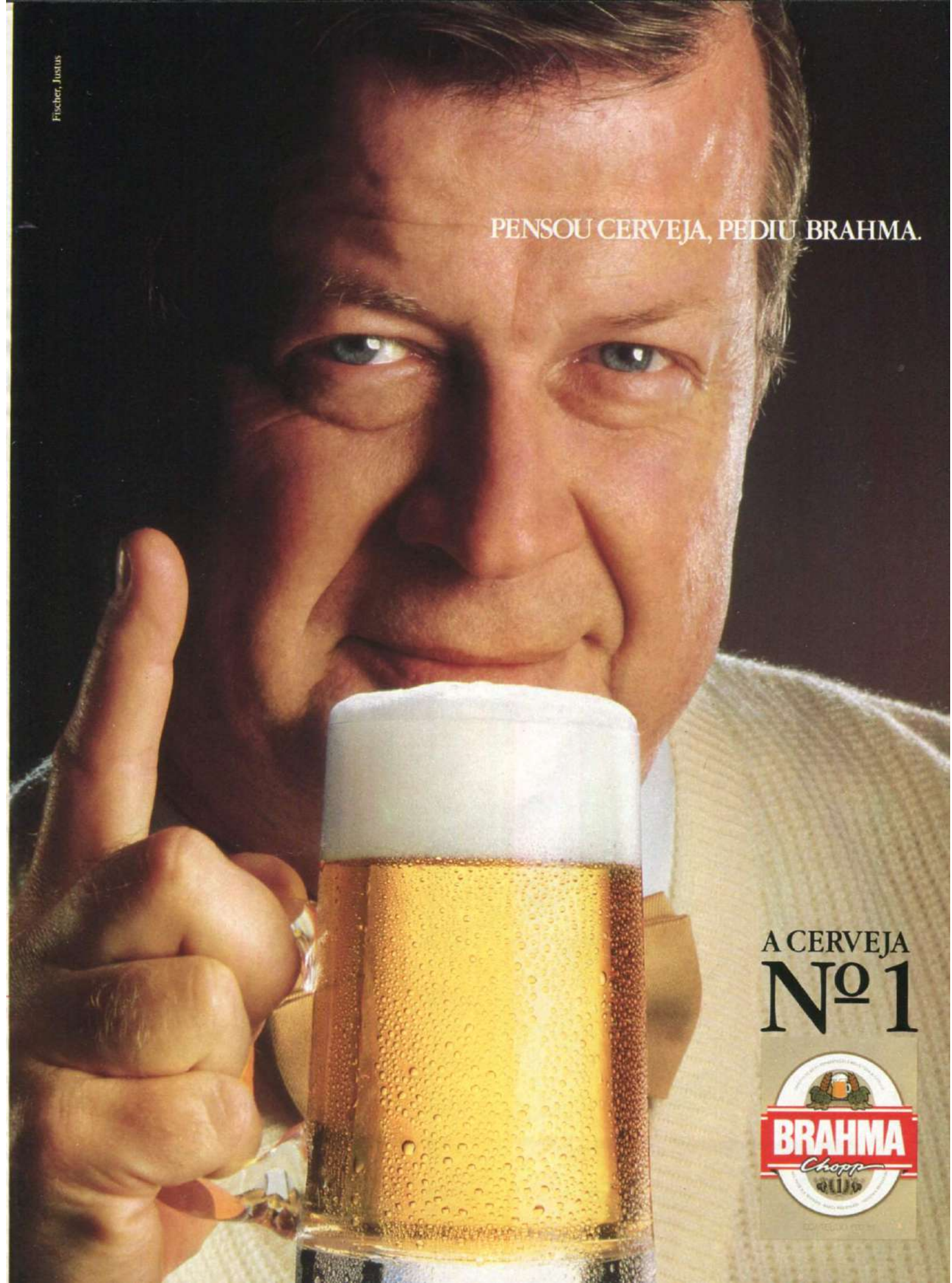
E já que roçamos no assunto, não foi bem o sexo o *must* do último verão europeu. Recém-chegados do Velho Mundo contam que faz tempo que ninguém come ninguém por lá. O europeu está cada vez mais *cool*, mas quando a relação é inevitável, camisinha a postos que não se vai pra cama sem embrulhar o bombom. Em parte por temor da maldita, noutra, da gravidez. Também faz tempo que não se tem filhos na Europa, além de a onda ecológica mais que em voga não permitir que a pílula sobrecarregue organismos femininos com hormônios químicos.

Já pensaram se a moda de não transar pega entre nós? Pô, a gente já ganha pouco, não vai dar para segurar deixar de se divertir. Principalmente no verão. Duvidamos. Em que pese um possível crescimento dos cuidados que se deve ter com namoricos eventuais, é na cama mesmo que a nossa gente bronzeada gosta de mostrar seu valor. O clima, as praias, os ritmos, tudo favorece.

Não é à toa que as gringas ficam loucas quando por aqui desembarcam e caem na lambada com nossos *proto-rastas*, que dominam os *reggaes* de Canoa Quebrada até Porto Seguro. Faz parte do nosso *show*. Só não dá para saber se fora destes redutos a lambada vai continuar como o ritmo do momento. Todo verão tem o seu. O mais provável se a nova corte de Brasília continuar a dar as cartas, é que se escute algo meio *old fashioned*. *As Time Goes By* parece a trilha ideal para um romance entre ministros e ex-ministros, por exemplo.

Afinal, se as elites do poder andam liberadas ao ponto de o Brasil ter até um presidente divorciado e recasado, sem que o mundo caia sobre nós, é possível que já tenhamos atingido uma certa maturidade e, então, o intimismo passe a dar o tom dos encontros. Enfim, o tempo é de dar duro para superar a recessão e, para poupar tempo, todo mundo começa a namorar discretamente as colegas de trabalho. Facilita tudo.

Assim, quem sabe, na reabertura do Congresso, a transa dos votos brancos com os nulos tenha gerado parlamentares comprometidíssimos com os votos válidos que os elegeram. Caso contrário, poderão se tornar as próximas vítimas dos brancos e nulos. Uma coisa, no entanto, tem que servir para meditação dos eleitores. Uma questão prática. Não votar implica em diminuir o número de sufrágios necessários para a eleição de cada candidato. E, conseqüentemente, em aumentar as chances da rapaziada mais preguiçosa de conseguir um muito bem remunerado emprego. Há exceções, claro e óbvio, mas isso vai ser papo para depois do verão, quando o país recomeçar a trabalhar. Por enquanto, *livin' easy*.


Fischer, Justus
PENSOU CERVEJA, PEDIU BRAHMA.
A CERVEJA
Nº 1
BRAHMA
Chopp

SEXO, CÂMARA, AÇÃO!

Os **25** melhores filmes eróticos de todos os tempos

De Kim Basinger a Sônia Braga, de Maria Schneider a Débora Bloch, de Sylvia Kristel a Brooke Shields, de Marlene Dietrich a Nastassja Kinski, é amplo e variado o cardápio das deusas do sexo. ELE ELA escolheu os 25 melhores filmes de todos os tempos, uma lista que serve a todos os gostos, dos mais requintados e *cults* aos mais simples e menos exigentes. Do poema oriental de Nagisa Oshima, *O Império dos Sentidos*, ao erotismo explícito de *Emmanuelle*. Eis aqui o mais completo roteiro do gênero.

♦ **O IMPÉRIO DOS SENTIDOS** (1976) Recusado pelo comitê do Festival de Cannes, em 1976, e apreendido em Berlim e Nova Iorque, só pôde ser exibido no Brasil em 1980, para surpresa do público, em versão integral, quatro anos depois. O diretor japonês Nagisa Oshima trata com preciosismo o erotismo e os fantasmas da culpa que perturbam o prazer dos amantes. Um poema oriental.

♦ **OS CAFAJESTES** (1962) Foi um espanto. Proibido e liberado várias vezes. É o primeiro longa de Ruy Guerra no Brasil e inaugurou o Cinema Novo. Tudo isso com uma história simples, envolvendo dois amigos em busca de aventura. Com Jece Valadão, Norma Bengell e Daniel Filho.

♦ **OS AMANTES DE MARIA** (1984) Belíssima fotografia e direção sensível de Andrei Konchalovski, com cenas inesquecíveis da sensual Nastassja Kinski. No elenco, também Robert Mitchum e John Savage. É uma história de amor e de guerra, com triângulo amoroso, neuroses, impotências e sensualidade.

♦ **E DEUS CRIOU A MULHER** (1956) E Roger Vadim criou, em 91 minutos de filme, o mito sexual Brigitte Bardot. Além do mais, foi o primeiro vagido da *Nouvelle Vague*, que mudou os rumos do cinema francês. BB contracena com Curd Jurgens, Jean-Louis Trintignant e outros em um dos primeiros filmes em Cinemascope na França. E o tempo não esmaeceu a imagem da jovem livre e, na época, revolucionariamente liberada que Brigitte encarnou.

♦ **O ÚLTIMO TANGO EM PARIS** (1971) Coroa americano e jovem parisiense vivem uma paixão destrutiva em um apartamento vazio que está para ser alugado. Bernardo Bertolucci, o diretor italiano, juntou Marlon Brando e Maria Schneider num apetecível sexo explícito para mostrar que o que já é bom puro, imagine com manteiga. O filme proporcionou vários prêmios ao trio.

♦ **PRETTY BABY** (1977) O filme de Louis Malle que lançou Brooke Shields, na época com 12 anos de idade, e uma capa, dois anos antes, da *American Home*, a revista da família americana. Lançado no Brasil com o título de *Menina Bonita*, causou grande controvérsia em todo o mundo pelas cenas de sexo envolvendo uma garota impúbere.

Império dos Sentidos *(página ao lado)* e O Ultimo Tango em Paris *(acima): sucessos da década de 70. O primeiro, do japonês Nagisa Oshima, levou quatro anos para passar pela censura brasileira. O segundo, com Marlon Brando e Maria Schneider (na foto), inaugurou a expressão* sexo explícito *entre nós.*

OS BRASILEIROS

Em matéria de erotismo, o tempero moreno tem um sabor todo especial.

Sônia Braga em ***A Dama do Lotação****. O filme de Neville D'Almeida foi tachado de pornográfico, pecha que, aliás, perseguiu durante décadas a obra teatral de Nélson Rodrigues, autor do texto adaptado para o cinema.*

O coroa Reginaldo Faria e a ninfeta Flávia Monteiro vivem uma paixão aquecida pelo sol de Búzios em ***A Menina do Lado****. Destaque para as belas locações ao ar livre e para a trilha sonora assinada por Tom Jobim.*

Em ***Amor, Estranho Amor****, além de Vera Fischer (foto), estão Tarcísio Meira, Mauro Mendonça, Íris Bruzzi, Matilde Mastrangi e a então estreante e atual Rainha dos Baixinhos, Xuxa Meneghel, que hoje renega o filme.*

A irreverência de Jorge Amado foi captada por Bruno Barreto ao verter para o cinema a história de ***Dona Flor e Seus Dois Maridos****. Uma Sônia Braga tímida e exuberante faz contraponto com um Mauro Mendonça, careta e um José Wilker, cínico.*

♦ **A DAMA DO LOTAÇÃO** (1978) Fantasias sexuais de uma mulher comum, no clima inconfundível do universo dramatúrgico de Nelson Rodrigues. Filme que, depois de *Gabriela* e *Dona Flor*, firmou Sônia Braga como estrela de cinema. Apesar das divergências posteriores, provocadas por declarações do diretor em entrevista na TV, a atriz se sentiu à vontade ao ser dirigida por Neville D'Almeida. Na estréia, o filme foi chamado até de pornográfico, mas isso depende dos olhos (e da cabeça) de quem vê.

♦ **A BELA DA TARDE** (1967) Uma deliciosa Catherine Deneuve passa as tardes prostituindo-se, por puro masoquismo, no prostíbulo de Geneviève Page, enquanto o marido, Jean Sorel, trabalha num hospital. Tido por muita gente como o mais belo filme de Luís Buñuel, foi baseado no livro do mesmo título, *Belle de Jour*, de Joseph Kessel, que disse: "O gênio de Luís Buñuel ultrapassou tudo o que eu podia esperar."

♦ **DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS** (1976) Sônia Braga joga todo o seu charme e brejeirice na pele da personagem de Jorge Amado, dividindo-se entre o formal Teodoro (Mauro Mendonça) e o irreverente Vadinho (José Wilker), que volta do além para bagunçar o segundo casamento de sua viúva. A direção de Bruno Barreto confirma o que mostrara em *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia:* como ser fiel a uma obra literária sem ser chato.

♦ **A VERGONHA DA SELVA** (1975) Desenho animado para adultos do famoso cartunista belga Jean-Paul Picha. Divertidos momentos de humor corrosivo, ironizando o erotismo e a violência do cinema dos anos 70. Os melhores momentos ficam por conta do exército fálico de soldadinhos montados num saco, disparando um líquido viscoso mortal por uma cicatriz no alto da cabeça. Como escreveu Celso Arnaldo Araújo, na *Manchete*, "qualquer semelhança não é mera coincidência".

♦ **HISTOIRE D'O** (1975) São 97 minutos de bacanal em que homens e mulheres se entregam indiscriminadamente a transas sadomasoquistas, e que serviu de modelo a outros filmes do gênero. O livro foi escrito nos anos 50 por um tal de Pauline Réage, que muita gente boa suspeita que tenha sido pseudônimo de algum circunspecto membro da Academia Francesa.

♦ **O PECADO MORA AO LADO** (1955) Primeiro encontro de Billy Wilder, o admirável diretor de mulheres, com Marilyn Monroe, a atriz. O resultado foi a descoberta de que naquela bonequinha de carne havia uma atriz. Marilyn esbanja sensualidade e Wilder dá um *show* de jogo de cintura, conseguindo evitar, com ironia bem temperada, de descambar pelo escorregadio caminho da chanchada.

♦ **BETE BALANÇO** (1984) Mineirinha de Governador Valadares vem para o Rio realizar seu sonho: ser cantora de *rock* na vida. Até lá, tem que gramar muito. Historinha simples mas bem-sucedida na direção estreante de Lael Rodrigues, que teve a colaboração de Tizuka Yamasaki na direção de arte e na direção executiva. Débora Bloch é a personagem-título. Lauro Corona faz o fotógrafo que a lança na cama e na fama. Bom também para lembrar Cazuza, o cantor, poeta e compositor, que tem no filme uma pequena participação.

Mickey Rourke e Kim Basinger (acima) em ***9 e 1/2 Semanas de Amor****, mais longo comercial erótico de todos os tempos, e uma cena de* ***Calígula****, (embaixo), produzido pelo dono da revista* ***Penthouse****, Bob Guccione. Apesar dos milhões de dólares gastos pelo produtor, o filme, que deveria chamar-se* ***Calígula de Gore Vidal****, foi rejeitado pelo escritor, que se considerou ultrajado.*

♦ **CALÍGULA** (1979) O produtor Bob Guccione, dono da revista *Penthouse*, gastou quase 20 milhões de dólares e causou ruidosa polêmica em Roma, Nova Iorque, Rio, São Paulo, e em todos os lugares onde chegou esse filme "perverso, amoral, violento e de baixa qualidade", segundo o (mau) humor ou postura dos críticos e censores. Baseado na vida do insano imperador romano, com atores do porte de Peter O'Toole, Sir John Gielgud e Malcolm McDowell, devia chamar-se *Calígula de Gore Vidal*, mas o escritor que concebeu o projeto considerou-se ultrajado e tirou seu nome da reta. Quando nada, vale conferir por quê.

♦ **EU TE AMO** (1981) Erotismo mesclado com comédia, drama, música e dança. Mais um bom desempenho de Sônia Braga, desta vez num filme com o requinte formal que é a marca do diretor Arnaldo Jabor. Um homem (Paulo César Pereio) e uma mulher (Sônia), rejeitados (respectivamente por Vera Fischer e Tarcísio Meira), experimentam uma relação tumultuada, sobre o fundo da boa música de Tom Jobim, Chico Buarque e César Camargo Mariano.

♦ **9 E 1/2 SEMANAS DE AMOR** (1986) Talvez o mais longo comercial erótico de todos os tempos, feito pelo ex-publicitário Adrian Lyne, duas vezes premiado no Festival de Filmes Comerciais de Cannes e antigo detentor das contas de Calvin Klein e da Pepsi Cola. A história se resume a um jogo de sensualidade explícita entre um corretor da bolsa (Mickey Rourke) e uma empregada de galeria de arte (Kim Basinger). Mas houve quem se apaixonasse ou imitasse a barbinha "de véspera" de Rourke e quem tivesse sonhos eróticos, com quem? Com Kim. Igualzinho no rela-rela do filme.

♦ **NOSFERATU** (1979) Versão de Werner Herzog para a história do Conde Drácula, levada ao cinema em 1922 por Murnau, que fez dela um clássico do expressionismo alemão e rebatizou o personagem do escritor inglês Bram Stoker por questões de direitos autorais. Herzog filmou em cores, mas manteve o tom sombrio, na busca deliberada do claro-escuro expressionista, e teve em Klaus Kinski e Isabelle Adjani o par perfeito para viver toda a sensualidade implícita no noturno mito dos vampiros.

♦ **A MENINA DO LADO** (1987) Uma espécie de *Lolita* "made in Brazil", com Reginaldo Faria fazendo o jornalista coroa que se envolve com uma ninfeta (Flávia Monteiro) nas locações da badalada Búzios, no litoral do Rio. A diferença corre por conta do *gay* cinqüentão (Sérgio Mamberti) amigo do casal. O diretor Alberto Salvá incluiu no filme uma trilha sonora assinada por Tom Jobim.

♦ **EMMANUELLE** (1974) A verdadeira. Diferencia-se das outras, oportunistas, que surgiram no rastro do seu sucesso, pelo apuro técnico que serve de moldura à maratona sexual de Sylvia Kristel como a mulher de um diplomata francês servindo em Bangkok. Parceiras e parceiros se sucedem nos embates amorosos não convencionais com a inexperiente mulherzinha, sob o olhar complacente do marido bonzinho. Diretor: Just Jaeckin.

♦ **O AMANTE DE LADY CHATTERLEY** (1982) Reencontro do diretor Just Jaeckin com a atriz Sylvia Kristel depois de *Emmanuelle*. Segunda versão cinematográfica do famoso romance de D.H. Lawrence, mas apoiada na imagem de erotismo criada em torno de La Kristel. O diretor tenta reproduzir ambientes de um castelo inglês do século XVIII, mas o que vale mesmo é o desempenho da estrela do filme.

♦ **AMOR, ESTRANHO AMOR** (1982) Estréia, posteriormente renegada, de Xuxa no cinema. Na época, estrear logo num filme de Walter Hugo Khouri, ao lado de gente como Vera Fischer, Tarcísio Meira, Mauro Mendonça, Iris Bruzzi, Matilde Mastrangi, Walter Forster e Otávio Augusto, quando ainda não era a *Rainha dos Baixinhos*, era o máximo. Mas Xuxa mudou. No filme, ela era oferecida dentro de uma caixa, vestida de ursinho branco a um político que freqüentava um bordel de luxo. *Xó ixo...*

♦ **O ANJO AZUL** (1929) Primeiro sucesso de Marlene Dietrich, no papel de Lola-Lola, uma cantora de cabaré barato em Berlim, que faz o velho e respeitável professor Unrath rastejar a seus pés, cocoricando como um galo. Suas pernas à mostra quando dançava, as longas meias negras e ligas de seda — velhos fetiches — empolgaram gerações do pré e pós-guerra. E a história é uma crônica da degradação da Berlim entre-guerras. Depois desse filme, sob a batuta do austríaco-americano Josef von Sternberg, o mito da mulher fatal não seria mais o mesmo.

♦ **A DAMA DE VERMELHO** (1984) Mais uma história de infidelidade e culpa, bem ao gosto americano (vide *O Pecado Mora ao Lado*), com pitadas de humor bem comportado. Kelly Le Brock é Charlotte, escolhida para estrelar uma campanha publicitária pela agência em que Teddy (Gene Wilder) trabalha. As situações cômico-eróticas foram adaptadas do filme francês *Un Elephant Ça Trompe Enormement* à moral americana pelo próprio Wilder, que fez também roteiro e direção.

♦ **CRÔNICA DO AMOR LOUCO** (1981) Versão cinematográfica do diretor italiano Marco Ferreri (*A Comilança*) do livro de Charles Bukowski *Ereções, Ejaculações, Exibicionismo e Contos Gerais Sobre a Loucura Ordinária*. Depois disso, precisa dizer mais alguma coisa? Pois é. Mas há o bom desempenho de Ben Gazzara, coadjuvado por Ornella Muti, Susan Tyrrell e Tanya Lopert. Se alguns desses nomes não lhe dizem nada, seus olhos entenderão. Em tempo: apesar dos títulos, trata-se de erotismo poético à la Ferreri.

♦ **A MULHER DO LADO** (1981) É um filme de Truffaut, o que, por si só, já o recomendaria. Mas não é bem assim. Os críticos da aldeia odiaram. No entanto, uma história de amor, paixão, loucura, obsessão e erotismo trabalhada por um mestre não poderia ser tão ruim assim. Ainda mais com os ângulos interessantes de Fanny Ardant e o desempenho correto de Gérard Depardieu nessa tempestuosa intriga em cenários franco-suíços.

Sylvia Kristel confirma em ***O Amante de Lady Chatterley****, baseado no romance de D.H. Lawrence, a imagem erótica criada em torno dela desde* ***Emmanuelle****, do mesmo diretor, Just Jaeckin.*

Esta reportagem é dedicada a todos aqueles que se cansaram de ser espectadores da vida. Aqui, qualquer um pode ser herói.

Foto Marco Antônio Rezende

AVENTURA
AO ALCANCE DE TODOS

Por HENRIQUE KOIFMAN

Aventura é uma palavra que está distante do vocabulário diário da maior parte das pessoas. Grandes caminhadas nas matas, alpinismo, mergulhos, vôos nas mais diversas engenhocas, corridas de carro e tantas outras atividades igualmente emocionantes parecem mesmo destinadas a um tipo especial de pessoa: o que possui coragem e, muitas vezes, o vasto lastro financeiro necessários para estas empreitadas. A nós, simples mortais, resta o prazer limitado de contemplá-los em suas evoluções e conquistas, sonhando com a idéia de ocupar seus lugares.

Se você concorda incondicionalmente com o parágrafo anterior, é melhor parar por aqui. Decididamente esta matéria só irá aumentar a sua frustração. Se, ao contrário, não está nada contente com a inércia morna de sua rotina e gostaria que a palavra aventura vestisse a camisa dez de sua seleção vocabular, estas linhas lhe serão realmente alentadoras e úteis. Saiba que uma generosa porção das atividades ditas heróicas e emocionantes estão ao alcance de qualquer um de nós, sem muito custo, treinamento ou condição física privilegiada. É só uma questão de escolher o melhor — ou o mais difícil — caminho e dizer adeus à monotonia.

O primeiro passo é escolher: terra, mar ou ar? Por uma questão de comodidade, que tal começar com uma boa caminhada? Já há alguns anos, os *trekkings* — nome da moda para estes longos passeios ecológicos — se tornaram bastante populares no Brasil. Muitos grupos e mesmo agências de turismo organizam roteiros com guias e toda a infra-estrutura — transporte, hospedagem e alimentação durante o percurso —, para as mais diversas regiões do país. Pode-se, por exemplo, caminhar pelas paradisíacas praias do sul da Bahia, entre Cabrália, Porto Seguro, Trancoso

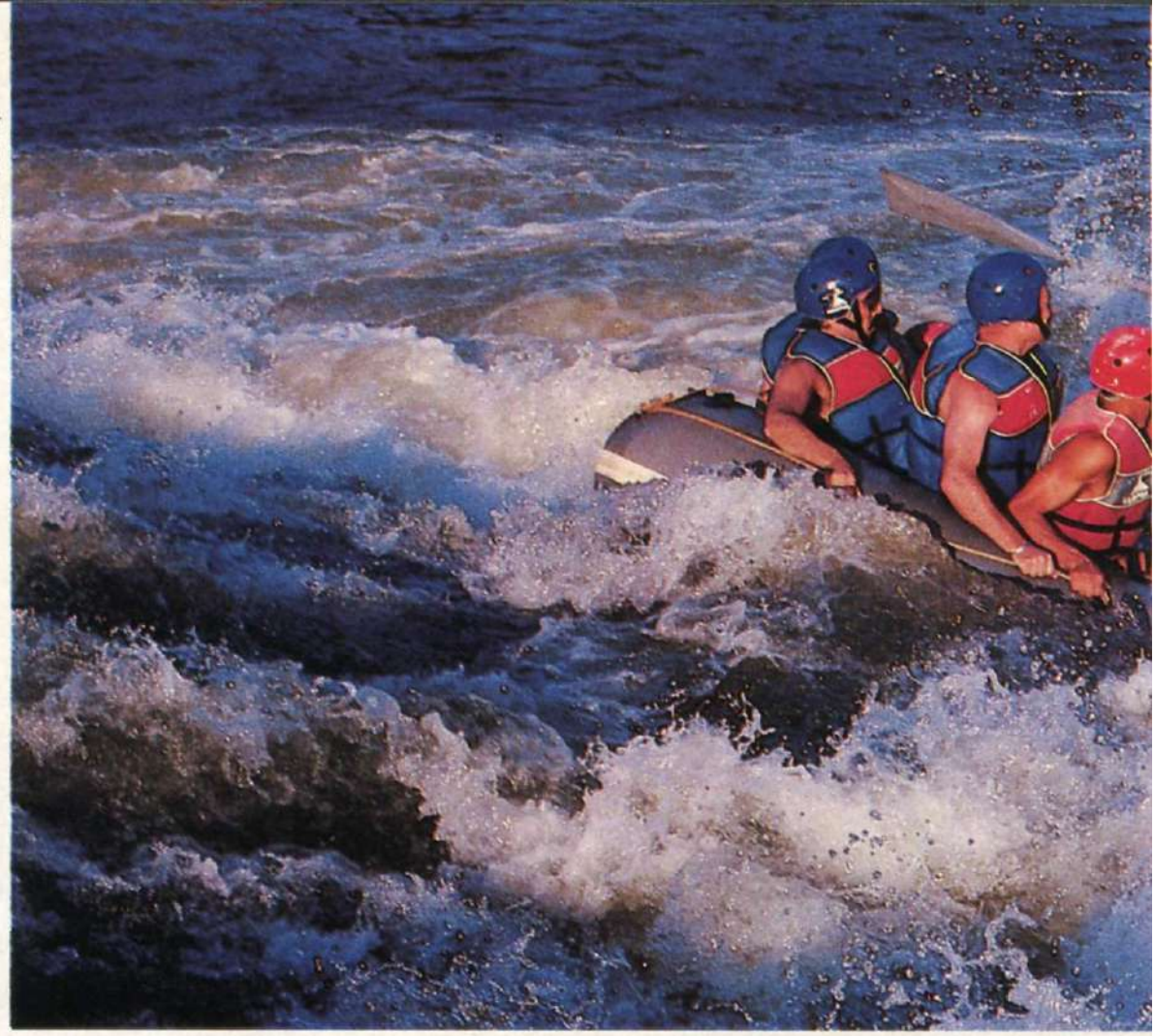
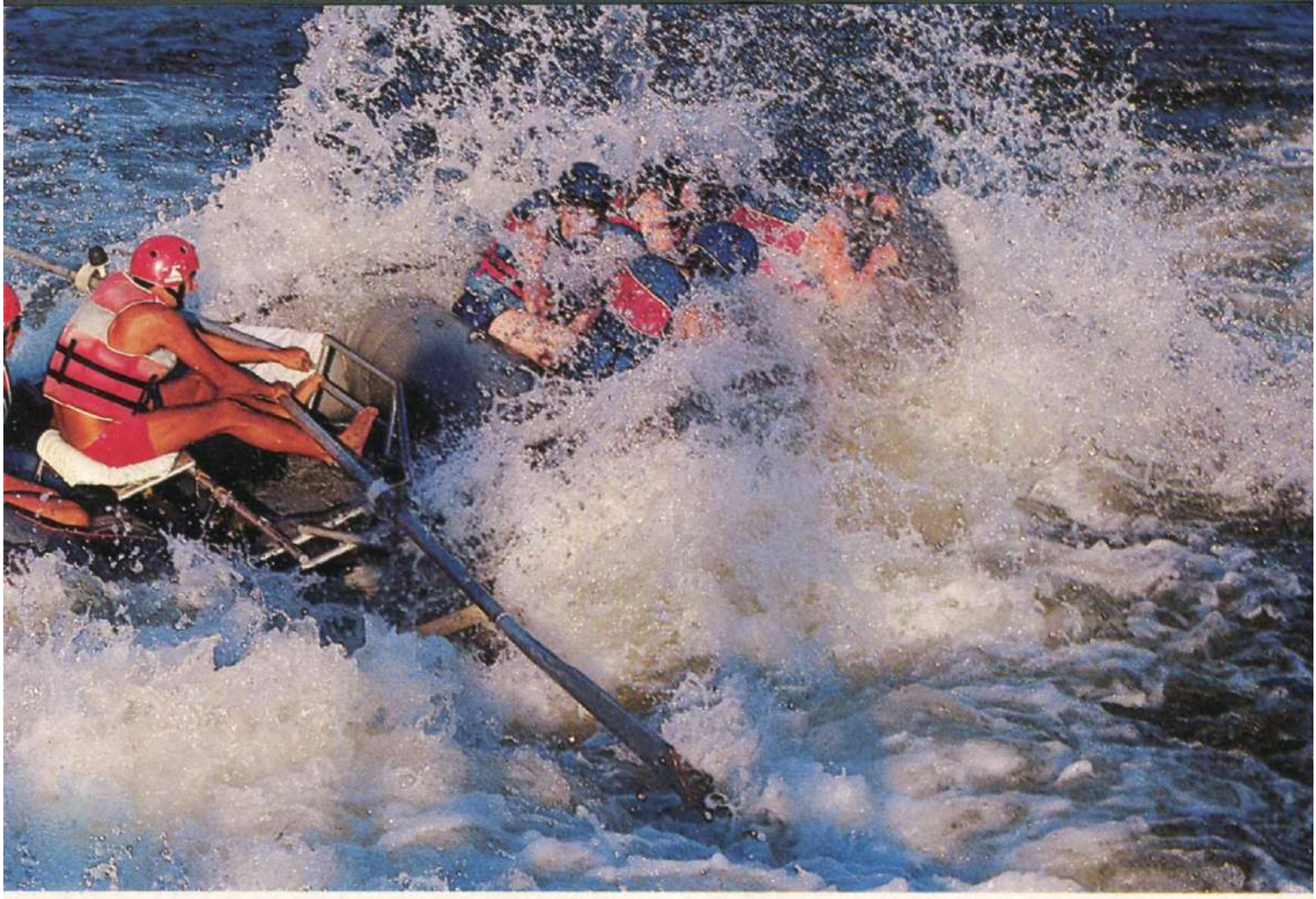


Foto Armando Fraça

SOBRE AS ÁGUAS OU SOB ELAS, OS CAMINHOS SÃO ILIMITADOS

Com a chegada iminente do verão, por que não unir o útil ao emocionante? Os rios podem muito bem ser desfrutados como tobogãs por aqueles que estiverem à procura de uma forma eletrizante de viajar. Durante o trajeto, os mergulhos no rio — nem sempre voluntários — são parte do programa. No fundo do mar, além da temperatura quase sempre amena e agradável, você poderá descobrir um mundo que nem sonhava existir, com cores e relevos originais e por onde circulam milhares de habitantes estranhos e fascinantes.

Foto Marco Antônio Rezende



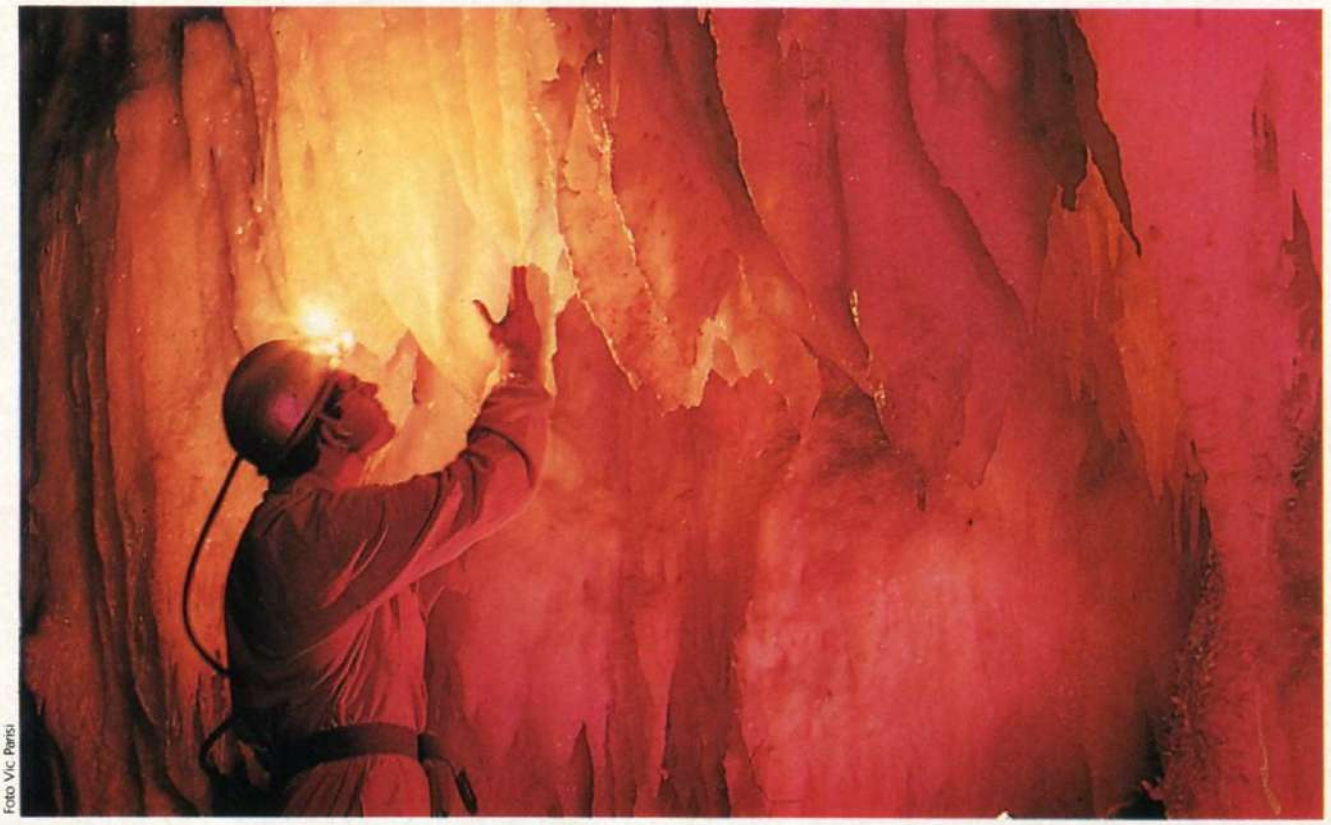


Foto Vic Parisi

etc; ou pelo litoral do Espírito Santo, entre Marataízes e Guarapari. Estes passeios duram poucos dias, com pernoites em pequenas vilas de pescadores ou mesmo balneários turísticos, e têm um custo razoavelmente baixo. Os caminhos são fáceis e estão ao alcance dos pés de qualquer andarilho iniciante.

Mas se a idéia é realmente vencer obstáculos, sentir-se como um bandeirante desbravador, conhecer e superar seus limites, existem trilhas mais complexas que incluem pernoites na selva e, até mesmo, trechos de escalada. A travessia entre Friburgo e Teresópolis, no Estado do Rio, é um exemplo de aventura um pouco mais puxada. Como esta, existem muitas. Para aqueles que já tiverem alguma experiência e puderem gastar um pouco mais, algumas agências especializadas organizam *trekkings* no estrangeiro. O Nepal, a Patagônia e até mesmo a Antártica são oferecidos em pacotes completos, que incluem passagens aéreas, hospedagem e guias. A famosa trilha dos Incas, no Peru, é considerada um clássico no gênero.

Se você é daqueles que acham que mesmo as mais emocionantes aventuras merecem ser vividas com um certo conforto e pequenas mordomias, as agências de turismo podem lhe oferecer as chamadas excursões ecológicas. Assim, lugares como o Pantanal e a Amazônia podem ser desbravados sem sustos ou maiores esforços, a bordo de verdadeiros iates, com cabines, ar-condicionado etc. ou em hotéis de luxo. Nem tão luxuoso, mas razoavelmente confortável, o trem da RFFSA que liga Bauru (SP) a Corumbá (MS) é outra opção para se conhecer o Pantanal. Os trilhos cortam grande parte da região pantaneira e, durante a época de cheia, os trens virtualmente navegam entre centenas de espécies de pássaros, jacarés e capivaras. Em Corumbá, ainda é possível cruzar a fronteira para a Bolívia e seguir viagem no famoso Trem da Morte. Com algumas conexões, chega-se a Machu Pichu, no Peru, num autêntico roteiro *à la* Indiana Jones.

Apesar de todas estas opções e possibilidades, algumas pessoas já andam entediadas com estes passeios comuns (?), com as paisagens bucólicas do verde ensolarado e cheio de pássaros. Existe para elas uma opção original. Escondidas nas entranhas da Terra, as cavernas e grutas guardam labirintos cheios de formações estranhas, salões de cristal, rios e lagos, lembrando muitas vezes a superfície de algum planeta desconhecido. No Brasil, salvo poucas exceções, as cavernas só começaram a ganhar *status* de pontos turísticos há pouco tempo. Grupos de espeleologia foram se formando e, hoje, existe até uma sociedade que os congrega. Para começar a conhecer este novo mundo, o mais recomendável é visitar as cavernas e grutas que já dispõem de uma certa infra-estrutura turística — iluminação, trilhas marcadas, guias etc. — como a Gruta de Maquiné (MG), a Caverna do Diabo (SP), a Gruta do Lapão (BA) e outras, espalhadas pelo país. Para mergulhar mais fundo nesta aventura, saindo das indicações dos folhetos turísticos, o ideal é entrar em contato com um grupo especializado. Além de orientar e informar, os espeleólogos e aficionados mais experientes costumam organizar excursões exploratórias com guias e indumentária apropriados. Sem esses detalhes, este tipo de passeio pode ser muito perigoso. Afinal, no fundo de um labirinto subterrâneo, é comum se perder a noção de direção e até mesmo a de tempo.

Saindo das grutas para os rios, nossa aventura pode ser a de imitar os pioneiros americanos ou Burt Reynolds e os demais personagens do filme *Amargo Pesadelo (Deliverance)*, que desceram em balsas as águas brancas do rio Colorado. Pelas corredeiras do rio Paraibuna, entre Petrópolis e Três Rios, no Estado do Rio, qualquer um, munido apenas de uma generosa dose de coragem, pode embarcar em uma grande balsa de borracha com remadores-guias. Equipado com capacete e colete salva-vidas, o destemido vai serpentear,

aos pulos, pelas águas revoltas, saltando sobre as corredeiras e mal tendo fôlego para apreciar a paisagem das fazendas nas margens. Emoção em dose cavalar.

Já que estamos falando de água, uma das últimas partes do planeta onde a natureza se conserva quase intocada é justamente o fundo do mar. Paisagens fantásticas, com vegetação, formações rochosas e milhares de peixes, crustáceos e outros bichos estão ao alcance de um mergulho. É claro que para as maiores profundidades, onde é obrigatório o uso de um *aqualung* e outros acessórios, é fundamental um conhecimento teórico maior. O ideal mesmo é fazer um curso. Mas para utilizar um *snorkel* — tubo em forma de jota, usado para respirar com o rosto imerso —, máscara e pés-de-pato, precisa-se pouco mais do que algum fôlego e uma boa noção de natação. Sem o equipamento de oxigênio, seus mergulhos ficarão restritos às pequenas profundidades, lajes e orlas. Ainda assim, em lugares como Fernando de Noronha, Abrolhos, Angra dos Reis, Ilha Bela e muitos outros no litoral brasileiro e mesmo no exterior, este tipo mais simples de mergulho é suficiente para se ter aquela sensação mágica de isolamento e deslumbramento em temperatura amena, exclusivos deste tipo de esporte.

Se a idéia é isolamento e aventura, mas você não é muito afeito às atividades aquáticas, terrestres ou subterrâneas, siga os versos do velho Walter Franco e "... tire os pés do chão...". Pára-quedas, pára-pentes, asas-delta, ultraleves, balões, é só escolher suas asas. O céu, há muito, já não é mais aquele limite intransponível. Mesmo para aqueles que não possuem brevês.

No pára-quedismo, existem equipamentos especiais para saltos livres em dupla, os chamados *tandem*. Deste modo, um saltador experiente pode levar um passageiro, partindo da altura que achar conveniente — quanto maior a altura, maior o tempo em queda-livre, antes de o pára-quedas ser acionado —, e, depois de um vôo eletrizante, pousar com suavidade no solo. Com os pára-pentes, o procedimento é parecido. Ao invés de saltar de um avião, o piloto e seu intrépido passageiro alçam vôo de um ponto alto, que pode ser o cume de uma montanha, uma escarpa ou até mesmo o terraço de um edifício bem alto. Uma outra forma de voar em pára-pente é rebocado por cabo, que pode ser puxado por um carro ou por uma lancha. Neste último caso, o esporte ganha um nome próprio: pára-sail.

As asas-delta também podem ser equipadas para levar passageiro. Saindo da Pedra Bonita, no Rio, alguns pilotos já se transformaram em verdadeiros guias turísticos, fazendo até vários vôos panorâmicos por dia. Dependendo das condições climáticas, as asas-delta podem permanecer até várias horas no ar e são bem mais velozes que os pára-pentes. Por segurança, a maior parte delas é equipada com rádio e pára-quedas de emergência.

Menos silenciosos mas muito mais versáteis em termos de manobras e autonomia de vôo, os ultraleves resgatam muito da aviação pioneira do começo do século e são uma opção menos radical de aventura aérea. Na maioria dos clubes, é possível fazer passeios pagos nas pequenas aeronaves. No Rio, uma experiência cativante é voar num ultraleve que possa pousar na água — um tipo de hidroavião — e juntar ao prazer dos ares o dos mares.

Mas para viver algo que realmente remonte aos primórdios da aventura do homem nos céus, nada mais apropriado que um balão. Nos clubes de balonismo e em algumas empresas especializadas,

Foto Nilton Ricardo

Foto Armando França

Foto Nilton Ricardo

Foto D. Schmidt e A. Blumenthal

NOS ARES, A AVENTURA É MOVIDA A VENTO E ADRENALINA

Desde quando Ícaro queimou suas asas tentando alcançar o Sol, o homem vem inventando e aperfeiçoando formas de singrar os ares, cavalgando as nuvens. Hoje, qualquer mortal pode se sentir como herói – só que com efeitos colaterais bem menos danosos. Nos vôos duplos de pára-pente, pára-quedas, ultraleve, asa-delta ou a bordo de um balão, como privilegiado passageiro, você poderá ter até a sensação de que deixou de ser um terráqueo, misturada com uma pequena e persistente saudade de casa.

Foto Vic Parisi

Foto Richard Klein — Sygma

OS CAMINHOS DA AVENTURA

***Trekking*, caminhada e alpinismo e espeleologia:**
Polar Equipamentos — tel.: (011) 260-3157
Free Way — (011) 885-5040
Trilha Caminhos na Natureza — tel.: (011) 852-9157
CEA — tel.: (011) 521-8414
Ambiental — tel.: (011) 814-6191
Sérgio Tortori e Alexandre Portela — tel.: (021) 246-3918
Fernando Barberá — tel.: (021) 226-7510
Centro Excursionista Brasileiro — tel.: (021) 262-6360
Grupo Independente de Montanhismo — tel.: (021) 239-2773
Monteação — tel.: (021) 742-5279
Caminhave, Guias de Montanha — tel.: (011) 570-9127
Sociedade Brasileira de Espeleologia — tel.: (011) 887-1195

Turismo Ecológico:
Nature Saffaris — tel.: (021) 235-2840
Bis Turismo — tels.: (021) 240-9360/240-6725
Rio Amazonas Turismo — tel.: (092) 234-7308
Climas Expedições — tel.: (011) 542-8166

Balsas nas Corredeiras:
Kleinperrer — tel.: (0242) 43-4052

Mergulho:
Audiotur (Roteiro e Reservas) — tel.: (011) 887-3400

Asa-Delta e Pára-pente (Vôo duplo):
Superfly (Rui Marra) — tels.: (021) 226-5207/226-6045
Skycenter (Maurício Monteiro) — tel.: (021) 399-5208

Pára-quedas (Salto em Tandem):
Fidélis — tel.: (0152) 63-1185 (Boituva, SP)
Marcos Petená — tel.: (0192) 42-0700 (Campinas, SP)
Tirelli — tel.: (0512) 23-8218 (Porto Alegre, RS)
Pupi — tel.: (021) 239-2853 (Rio)

Balões:
Papillon — tel.: (011) 240-2622

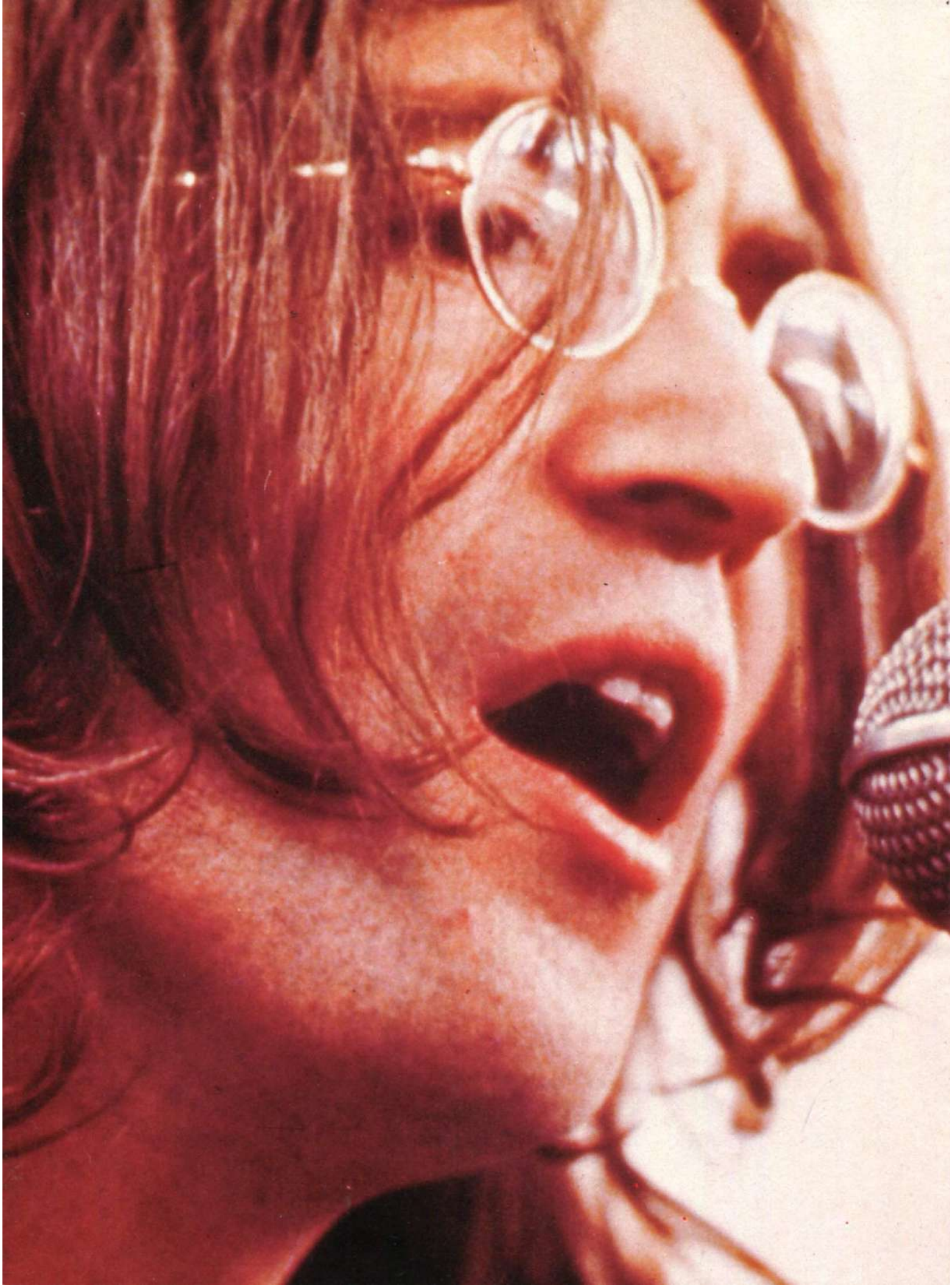
Ultraleves:
Clube Esportivo de Ultraleves (CEU) — tel.: (021) 342-8025

Rali:
Confederação Brasileira de Automobilismo — tel.: (021) 221-4895
Comissão de Rali do Paraná (Anderson Nobre) — tel.: (041) 243-4094
Federação Paulista de Automobilismo — tel.: (011) 577-0522
Federação Gaúcha de Automobilismo — tel.: (0512) 24-4808

você pode descobrir como embarcar num destes navios alados e partir, ao sabor do vento, sustentado apenas pelo ar aquecido. Daí a se sentir como um personagem de Júlio Verne é questão de se acostumar com o leve balanço da nacela, num silêncio que só é cortado quando o maçarico — utilizado para manter o ar aquecido e o velame inflado — é acionado. Decididamente, voar nunca foi tão zen.

Calma; se você não consegue misturar filosofia oriental com aventura, nossa última sugestão traz uma outra mistura mais ao seu feitio: adrenalina & gasolina, que além de rima traz a mais pura emoção. Se a Fórmula-1 ou a Indy estão milhões de milhas e de dólares distantes de todos nós, os ralis estão voltando a se popularizar no Brasil e são, de longe, a mais democrática e acessível competição automobilística que existe. Na categoria de estreantes, nem carro nem piloto ou navegador precisam de qualquer equipamento especial, além do que as montadoras fornecem como básico em qualquer versão ou modelo de carro — um odômetro e um velocímetro — e um cronômetro. As provas de regularidade — tipo mais comum e fascinante de rali — para estreantes e iniciantes geralmente acontecem nos fins de semana, como parte ou não de um campeonato regional. Nestas ocasiões, é comum encontrar os chamados *carros da família*, cobertos de adesivos e guiados e navegados por irmãos, pais e filhos e até mesmo maridos e mulheres. Por exemplo, no já tradicional *Rallye Perfil Mulher*, disputado este ano entre São José dos Campos (SP) e Lambari (MG), dos mais de 300 carros inscritos, 80% eram estreantes, com carros cujo ano de fabricação variava entre as décadas de setenta e oitenta e patrocinados por vizinhos, comerciantes conhecidos e parentes. Terminada a prova, os pilotos e navegadores só precisam mesmo lavar seus carros. É muito comum a história dos filhos que pegam escondidos o velho *Opalão* de quatro portas da família, correm um rali e o devolvem, são, salvo e lavado, à garagem sem que a família perceba. Para participar destas aventuras motorizadas, a dica é entrar em contato com as federações de automobilismo e pedir informações sobre o calendário das provas. Algumas destas federações, como a do Paraná, oferecem gratuitamente aos interessados um curso rápido sobre navegação e pilotagem. Depois é pegar o capacete e esperar a largada.

As opções são essas. A coragem e a disposição são suas. Se você realmente quer romper a monotonia e viver emoções fortes, veja no quadro os telefones que ligam com as aventuras.



10 anos sem JOHN LENNON

O HERÓI DA CLASSE OPERÁRIA

POR ROBERTO MUGGIATI

Foto Black Star

Antes de John Lennon, o cantor de *rock* aparecia como um mero veículo de forças que ele mesmo era incapaz de controlar ou compreender. A convocação de Elvis para o Exército foi uma obra-prima da manipulação política e o cantor não se deu conta de como o estavam usando e de como aquele episódio afetaria sua carreira. "Elvis morreu no dia em que entrou para o Exército", afirmou Lennon em 1977, ao receber a notícia da morte de Presley.

A partir de Lennon, o cantor de *rock* passou a se afirmar como um ser social pensante, sintonizado com os problemas do seu tempo. A manipulação política e comercial da beatlemania foi incrivelmente mais sofisticada que aquela da elvismania — mas os Beatles, principalmente John, tinham a mais perfeita consciência de todo o processo. E, em pouco tempo, começavam a criticá-lo abertamente e a adotar um comportamento pessoal e musical que se chocava contra as mais elementares regras da idolatria. "Os Beatles são mais populares junto aos jovens do que Jesus Cristo", comentou Lennon em março de 1966, ganhando manchetes em jornais do mundo inteiro. A frase, de intenções críticas, foi interpretada como uma declaração meramente vaidosa. A ambigüidade, o suspense, a ironia sempre foram armas de Lennon, amplamente usadas em suas entrevistas e em suas canções.

Esse estilo pessoal tinha muito a ver com a cidade onde John Winston Lennon nasceu, na noite de 9 de outubro de 1940, durante um dos mais violentos bombardeios alemães sobre Liverpool. Em 1940, a Grã-Bretanha enfrentava sozinha a Alemanha nazista, sob a liderança heróica de Winston Churchill — o que explica o segundo nome de John. (Em 1969, em Londres, ele mudaria legalmente seu nome para John Ono Lennon.) Os anos 40 marcam também o crepúsculo do "Império onde o sol nunca se punha..." A glória colonial da Inglaterra entrava em declínio e ela só recuperaria seu orgulho com o renascimento cultural dos anos 60, de que o *rock* seria o carro-chefe. Quanto a Liverpool, foi fundada no século 13 pelo Rei John (curiosa coincidência...), que ali construiu um castelo e iniciou uma aldeia como trampolim para a conquista da Irlanda. Tornou-se importante entreposto de navios negreiros e depois terminal de transatlânticos, com as mais bem-equipadas docas do mundo estendendo-se por 12 quilômetros ao longo do rio Mersey. Por sua importância naval, foi um dos principais alvos dos alemães durante a guerra. Liverpool dava bons jogadores de futebol e excelentes comediantes. Estes, para ter sucesso em Londres, precisavam se livrar do sotaque anasalado conhecido como Scouse — justamente o sotaque que muitos grupos de *rock*, até não-ingleses, imitariam depois dos Beatles. Em 1957, quando John começava a fazer seus primeiros sons com os Quarrymen, Liverpool tinha 789.550 habitantes. Lennon assim descreveu a atmosfera da cidade:

"Éramos um amontoado de descendentes de irlandeses, negros e chineses, gente de todo tipo, como San Francisco da Califórnia."

Era um clima espiritual não muito distante daquele de Nova Orleans, o que assemelhava muito o estuário do Mersey

Elvis foi a energia bruta do *rock*. Dylan, o protesto. McCartney, o romantismo. Jagger, o sexo. John Lennon fundiu tudo isso. Em suas canções, ele uniu como ninguém o lírico ao épico. Falou obsessivamente de amor. Um amor que procurou estender ao resto da humanidade na forma de música e palavras. "O que os anos 60 fizeram", dizia, "foi mostrar as possibilidades e responsabilidades de cada um. Não nos deram uma resposta, só uma visão das possibilidades." John foi um dos raros que assumiram a sua responsabilidade e tentou esgotar todas as possibilidades em busca de uma resposta para a sua época. Por uma trágica ironia, pagou com a vida pela ousadia.

ao delta do Mississipi. De repente — como no início do século quando o *jazz* e o *blues* brotaram do solo cultural fértil da Luisiana — uma nova música começava a romper o silêncio das noites de Liverpool. Antes do seu estalo musical, porém, John Lennon teve de viver a sua infância. E não se pode dizer que foi uma infância comum. A mãe de John, Julia Stanley, era uma mulher impulsiva. Um dia ela conheceu num parque Freddy Lennon e ridicularizou o chapéu que ele usava. Freddy não fez por menos: jogou o chapéu no lago. Ele era brincalhão, apenas um garçom de navio, um errante que não queria nada da vida. Para escândalo da família, Julia começou a levá-lo para casa. E um dia surpreendeu a todos colocando sobre a mesa familiar a certidão de casamento, na qual fizera constar, como sua profissão, "lanterninha de cinema" — só para chatear o pai. Quando a guerra estourou, em 1939, Freddy ficou retido num navio no porto de Nova Iorque. Voltou a Liverpool em 1940 e então zarpou para sempre da vida de Julia. Foram as quatro irmãs que ajudaram a criar o bebê John, mas uma delas, Mimi — que não tinha filhos — se apegou particularmente ao menino. Julia casou de novo — e de novo com um garçom, mas desta vez uma criatura sedentária, trabalhando num hotel de Liverpool. Mimi e seu marido George passaram a cuidar de John como se fosse seu próprio filho. De vez em quando, John passava alguns tempos com Julia, que o mimava demais. Ele voltava para a casa de Mimi e esta tinha que começar tudo de novo. Sua educação era rigorosa, no bom velho estilo, mas ela tentava não ser repressiva demais. O principal era que Mimi e George, mais do que atenção, davam amor a John.

Aos 12 anos, John entrou para a Quarry Bank Grammar School, cujo lema era *"Ex hoc metallo virtutem"* — algo como "Deste metal bruto forjamos a virtude." E a forja da virtude era dura: o regime da escola era tradicional, com seus mestres togados, seus prefeitos e as clássicas bengaladas para retificar os temperamentos mais rebeldes. De alguma coisa toda essa tradição serviu para Lennon: foi do hino do colégio *("Quarry men strong before our birth")* que ele tirou o nome da sua primeira banda, The Quarrymen. O cartão de visita do grupo dizia: *"Disponível para apresentações. Country. Western. Rock'n Roll. Skiffle. THE QUARRYMEN"*. em 1956, a onda do *rock'n'roll* estourava nas praias britânicas — Bill Haley, Elvis, Chuck Berry, Little Richard, era o que a juventude ouvia, não através da respeitável BBC estatal, que banira o *rock* de suas transmissões, mas pela Rádio Luxemburgo e através dos discos e filmes que, aos poucos, começavam a chegar dos Estados Unidos. A gíria e a indumentária *Teddy Boy* eram o estilo do momento. O instrumento: a guitarra. Foi assim que, muito a contragosto, tia Mimi juntou um dinheiro e, numa manhã de sábado, se dirigiu ao centro de Liverpool para comprar o violão que há tanto tempo John vinha lhe implorando. Era um modelo espanhol com cordas de aço e uma etiqueta na parte de dentro: GARANTIDO CONTRA RACHADURAS. Custou 17 libras e uma dose imensa de boa-vontade a tia Mimi. John passava tanto tempo praticando que Mimi achava aquilo prejudicial aos estudos. Sua bronca diária entrou para o folclore do *rock*: "Não há mal nenhum em tocar guitarra, John, mas você nunca vai ganhar a vida com isso..."

Em julho de 1957, John deixava a Quarry Bank School. Suas notas nos exames finais não lhe davam muito futuro: em todas as disciplinas ficou um grau abaixo da nota mínima, uma indicação de que, com um pouco de esforço, teria passado. Até em desenho — que ele curtia — John falhou. O diretor falou à tia Mimi: "O rapaz é um artista, um boêmio. Se eu conseguir uma vaga para ele no Art College a senhora promete mantê-lo lá nos próximos doze meses?" Mimi garantiu que sim. As maneiras do *Teddy Boy* Lennon contrastavam com as roupas certinhas dos novos colegas, que curtiam *jazz*, em vez de *rock*. Mas no Art College ele estava mais perto de Paul McCartney, que estudava no Liverpool Institute. Os dois tinham se conhecido numa apresentação dos Quarrymen no verão de 1957 e Paul acabara entrando para o grupo, trazendo depois outro colega do Institute, mais jovem, George Harrison, guitarrista. Os Beatles estavam quase prontos para a maior aventura musical do século.

Mesmo afastado de Julia, John ficou muito abalado com a morte da mãe, no verão de 1958, atropelada quando atravessava a rua para apanhar um ônibus. Tio George — que desempenhava o papel de um pai para ele — tinha morrido quando John entrara para a escola de Quarry Bank, aos 12 anos. Julia, apesar de todo o distanciamento, era quem lhe tinha dado a vida, uma relação complicada que John tentaria exorcizar depois em suas canções, como na lírica *Julia* (68) e na freudiana *Mother* (70); além disso, deu ao primeiro filho o nome de *Julian*. Sintomaticamente, logo após a morte da mãe, John começou namoro firme com uma garota que era o seu oposto. Cynthia Powell, tímida, convencional, estudava no Art College, era de uma sólida família da classe média e morava num bom bairro de Liverpool. Foi o fascínio de um temperamento tão diferente do seu que a atraiu para John. E foi Cynthia quem se amoldou a ele, violentando a sua educação para se tornar uma garota-de-roqueiro.

O ano em que tudo começou a acontecer foi 1962. Em janeiro, os Beatles — já com o seu nome definitivo — eram eleitos o grupo mais popular de Liverpool por uma pesquisa do jornal de música *Mersey Beat*. Em junho, o grupo — ainda com Pete Best na bateria — viajava até Londres para fazer um teste com o produtor George Martin nos estúdios da EMI em Abbey Road. Por essa época, Cynthia descobriu que estava grávida. No livro *A Twist of Lennon*, publicado em 1978, ela descreve o episódio:

"Depois de relatar em lágrimas a John os resultados dos exames vi seu rosto ficar lívido e o medo e o pânico tomarem conta de seus olhos. Ficou sem fala pelo que me pareceu um século. Finalmente, John rompeu aquele silêncio interminável: 'Só temos uma coisa a fazer, Cyn. Vamos nos casar'..."

Em 1962, o revolucionário do *rock* ainda tinha uma postura bastante tradicional com relação ao casamento. E assim, 24 anos depois, no mesmo Mount Pleasant Register Office, John Lennon repetia a façanha da mãe, casando-se contra a vontade da família. Como no casamento de Julia, nenhum dos pais dos noivos estava presente. Uma estranha vida aguardava Cynthia como Sra. Lennon. Para não decepcionar as fãs, os Beatles tinham que manter em segredo o novo estado civil de John. Ao mesmo tempo, eles enfrentavam pela primeira vez uma reação, uma onda de protestos pela troca do baterista: demitiram Pete Best e contrataram Ringo

Starr. E foi com Ringo que os Beatles gravaram seu primeiro compacto, em Abbey Road, no dia 11 de setembro de 1962: *Love Me Do* e *P.S. I Love You*. Começava a conquista de Londres. Em grande parte, o feito se devia ao empresário dos Beatles, Brian Epstein. Alguns o chamavam de "o 5º *beatle*". Filho de prósperos comerciantes judeus de Liverpool, que tinham uma cadeia de lojas de móveis e discos, Brian em 1962 tinha 28 anos. Era um jovem sensível mas dispersivo. Tentara o teatro em Londres mas acabou desistindo e voltou para Liverpool. Todo grande encontro da História tem a sua lenda. No dia 28 de outubro de 1961, um jovem de jaqueta de couro e *jeans* justos entrou na NEMS (Nemperor Holdings, a cadeia de lojas dos Epstein) de Whitechapel e foi atendido pelo próprio Brian. O rapaz queria uma gravação de *My Bonnie* feita na Alemanha por um grupo chamado Beatles. Brian Epstein acabou descobrindo que os Beatles tocavam todo dia, à hora do almoço, a apenas 200 metros da sua loja, no Cavern Club. Por curiosidade, foi até lá ver. E ficou fascinado. Num porão com três arcadas de tijolos em forma de túneis, uns 200 rapazes e moças berravam, dançavam e comiam *snacks* em meio a um *rock'n'roll* ensurdecedor feito por quatro jovens em roupas justas de couro negro. O lado homossexual de Brian apaixonou-se imediatamente pelos garotos. E foi assim que, com o seu dinheiro e os seus conhecimentos, Brian Epstein se tornou o empresário dos Beatles — o homem em grande parte responsável pela imagem e pelo sucesso do grupo.

O homossexualismo de Brian e sua fixação por John Lennon despertaram uma onda de comentários sobre as preferências sexuais do beatle. Na verdade, John tinha um fascínio por tudo que era marginal e gostava de viver em situações-limite. Herdeiro intelectual dos *beats*, Lennon tentava fundir a filosofia existencialista dos anos 50 com a *política da experiência* dos anos 60. Entre outras experiências, recorreu às drogas como um meio de "expandir a mente". A própria música dos Beatles — de que Lennon era um dos principais artífices — ilustra a trajetória química

Foto Black Star

Foto St. Thomas/Liaison Agency

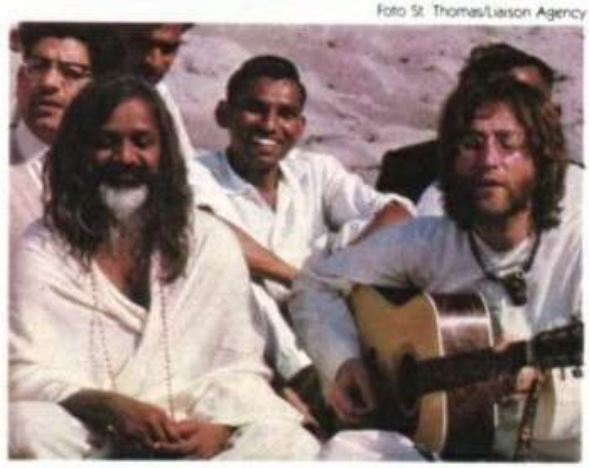


Foto Ron Galella

Foto Arquivo

TEMPOS E TEMAS DE JOHN LENNON: O CAVERN CLUB DE LIVERPOOL EM SEUS DIAS DE GLÓRIA BEATLEMANÍACA NA COLORIDA EUFORIA DOS *EARLY SIXTIES;* O DESBUM DA PSICODÉLIA NA VIAGEM À ÍNDIA COM O *MAHARISHI 'SEXY SADIE'* MAHESH; A VOLTA A YOKO EM 1975 (DAVID BOWIE POR TESTEMUNHA) NA ENTREGA DOS GRAMMIES; FOTO DO ÁLBUM DE INFÂNCIA, AOS OITO ANOS, COM TIA MIMI EM LIVERPOOL.

Lennon e dos amigos. Já nos tempos de Hamburgo e Liverpool, era o *rock'n'roll* nervoso e frenético, fruto das bolinhas que os rapazes tomavam para se manter de pé nas longas horas de trabalho. Em seguida, vem a fase da maconha. Segundo o livro *The Love You Make* — "Uma História Por-Dentro dos Beatles" — do ex-colaborador do grupo, Peter Brown, foi Bob Dylan quem iniciou os *Fab Four* no consumo da erva, no seu primeiro encontro, em 28 de agosto de 1964, no Hotel Delmonico, em Nova Iorque. Houve até um certo embaraço: Dylan achou que os Beatles eram chegados ao fumo porque interpretara erradamente as palavras *"I can't hide, I can't hide, I can't hide"*, da canção *I Want to Hold Your Hand* confundindo-as com *"I get high"* ("Eu fico alto..."). Superado o constrangimento, todos fumaram o cigarro da paz e os Beatles partiram para uma nova *fase*. Já durante a filmagem de *Help!* o cheiro adocicado da erva tomava conta do *set*. Segundo o diretor Richard Lester: "Eles estavam altos o tempo todo da filmagem, mas numa boa..." Nestas transações, Lennon era sempre o mais ousado, o mais ávido de novas sensações. E a música dos Beatles foi sofrendo os efeitos das mutações que aconteciam na cabeça dos exingênuos rapazes de Liverpool. A abertura de cuca assustava, porque implicava novas responsabilidades. Daí o autobiográfico apelo de *Help!* — *"Quando eu era mais jovem, muito mais jovem do que hoje,/ Nunca precisava da ajuda de ninguém para nada,/ mas aqueles dias já passaram e agora não estou assim tão seguro,/ agora vejo que mudei minha cabeça e abri as portas..."* E as "portas da percepção" iam se abrindo, em par, até o grande salão de baile em que aconteceria a festa de *Sergeant Pepper's* — o *opus magnum* de Lennon e dos Beatles, desde os menores detalhes gráfico-visuais da capa do disco até a última nota da última faixa, *A Day In The Life* — uma nota que durava meio minuto na freqüência de 20.000 Hertz, audível somente para cachorros... *Sergeant Pepper's* foi regido por LSD. E o LSD foi homenageado nas iniciais da canção *Lucy in the Sky with Diamonds*, cuja letra era uma descrição consumada de uma viagem psicodélica. Tempos depois, os Beatles abririam o jogo e contariam tudo, inclusive o papel que as drogas tinham desempenhado em certos episódios da sua carreira, como na ocasião em que foram ao Palácio de Buckingham, em 1965, para serem condecorados como Membros do Império Britânico e tiveram que fumar escondidos num banheiro para agüentarem a chatice e hipocrisia da solenidade.

Depois de *Sergeant Pepper's* nada disso importava mais. Os Beatles eram aclamados não só como ídolos dos adolescentes, mas como os arautos e ideólogos de uma transformação histórica. O álbum foi saudado como "um momento decisivo na história da civilização ocidental" pelo severo crítico Kenneth Tynan e como "um barômetro da nossa época" pelo sisudo suplemento literário do *Times*. Em tudo isso, Lennon sobressaía como o mentor intelectual do grupo. Já em 1964 ele lançava um curioso livro de poemas, contos e desenhos, *In His Own Write*, mais literário do que sua aparência brincalhona dava a entender, uma mistura do humor de Liverpool com o *nonsense* de Lewis Carrol e os jogos-de-palavras de Joyce. O segundo livro saía um ano depois, *A Spaniard In The Works*, em que John continuava a exercitar seu gosto pelos trocadilhos e pela irreverência. E o que antes parecia simples irreverência ia se transformando em crítica atuante. Em 1963, Lennon chocara o público da Royal Command Performance, que incluía a Rainha Mãe e a Princesa Margaret, ao pedir, no meio de uma canção: "Vocês nos lugares mais baratos queiram por favor bater palmas. Os demais podem chacoalhar suas jóias..." Era o embrião do *working-class hero* — o herói da classe operária: John, apesar de todo o seu dinheiro, não se sentia capaz de pactuar com o Sistema. Aliás, toda a contracultura do *rock* estava baseada nisso, na afinidade emocional da juventude branca com as minorias raciais, com os oprimidos — e, nesse processo, a escolha da música negra como principal influência não foi nada fortuita.

Para John, o *point of no return* foi a polêmica em torno de suas declarações sobre Cristo e os Beatles, publicadas em 1966 por uma repórter do *Evening Standard*.

"O cristianismo passará. Passará e desaparecerá. O tempo provará isso. Agora nós somos mais populares do que Jesus. Não sei qual dos dois desaparecerá primeiro —, o rock'n roll *ou o cristianismo..."*

A reação a estas declarações foi violenta. O governo da África do Sul proibiu a venda e a execução de discos dos Beatles até 1970; depois, levantou a proibição para Paul, George e Ringo, mas não para John. Nos EUA, o LP *Revolver* foi boicotado; mesmo assim, chegou ao topo das paradas e lá ficou durante dois meses. Em turnê americana, os Beatles foram até ameaçados por piquetes da Ku Klux Klan, em Memphis. No Alabama, na Geórgia e no Texas discos dos Beatles foram quebrados e queimados em imensas fogueiras. E, numa tumultuada primeira entrevista coletiva em Chicago, antes do início da excursão, Lennon, acuado pelos repórteres, acabou pedindo desculpas. Mas foi um recuo apenas aparente. Logo depois ele tomava a sua primeira atitude abertamente política, ao se declarar contra o envolvimento americano na Guerra do Vietnã.

Era 1966. E foi a última turnê dos Beatles. Foi também o ano em que John iniciou uma nova etapa na sua vida, ao conhecer Yoko Ono. De fins de 66 a meados de 68 ele leva uma existência dupla, entre Cynthia e Yoko. Muito ácido na cabeça. Nasce e morre o culto do Maharishi, denunciado como impostor por Lennon após uma peregrinação dos Beatles, famílias e amigos até a Índia. Brian Epstein suicida-se. Os Beatles cometem um *video-clip* fluvial, a *Magical Mystery Tour*. John identifica-se com a figura alucinógena da morsa em *I Am The Walrus*. Surge o álbum duplo de capa branca, uma mistura de canções singelas e letras carregadas de simbolismo. (Mais tarde, Charles Manson alegaria que cometeu seus horrendos crimes em nome de uma conspiração global convocada por músicas deste álbum, como *Helter Skelter* e *Revolution # 9*, que ele confunde com a Revelação número 9 do Apocalipse de São João *(St.John...)*.

1969 foi um ano intensamente político para John e Yoko. Depois de se casarem em Gibraltar, em março,os dois foram passar a lua-de-mel na suíte presidencial do Hilton de Amsterdam, onde, durante uma semana, ficaram na cama à disposição da imprensa. Era o primeiro *bed-in for Peace*, algo como "concentração na cama pela paz". John alegava que poderiam ter embarcado numa lua-de-mel secreta no Mediterrâneo, como qualquer

casal milionário, mas seriam implacavelmente caçados pelos *paparazzi*. Por isso, preferiram transformar a ocasião em "publicidade construtiva". A esta altura, John e Yoko eram tratados como uma espécie de Liz & Burton da Nação de Woodstock. O próprio John dizia: "Henry Ford soube vender carros usando a publicidade. Eu e Yoko estamos numa imensa campanha para *vender* a paz. Isso pode fazer as pessoas rirem, mas também pode fazê-las pensar. Na verdade, nós somos o Sr. e Sra. Paz..."

Mas a virada de John aconteceu mesmo em 1970. Foi quando grandes cidades como Nova Iorque, Londres, Los Angeles e outras nove entraram o ano cobertas de cartazes proclamando: *"A Guerra Acabou! Se Você Quiser..."* — imensos *outdoors* assinados por John & Yoko. Foi em 70 que Paul anunciou a separação do grupo e os Beatles partiram para trabalhos individuais; em que o filme *Let It Be* selou o fim do maior grupo de *rock* do planeta; em que McCartney iniciou a ação legal para a partilha dos muitos e complicados negócios dos Beatles; em que John concedeu a histórica entrevista à Rolling Stone, publicada em duas partes na revista e depois num livro de 200 páginas; e foi também o ano em que Lennon lançou o seu primeiro LP solo, sem título na capa, conhecido apenas como *John Lennon/ Plastic Ono Band*. Tanto da entrevista como do disco constava a famosa proclamação *"The dream is over"* — "O sonho acabou", John traduzia em poucas palavras o fim de toda uma era — os anos de utopia da contracultura — selada com a tragédia de Altamont, os crimes de Charles Manson e as mortes de Jimi Hendrix e Janis Joplin. Na entrevista, John dizia:

"...não acredito mais no mito e os Beatles são mais um mito. E não estou falando só dos Beatles, falo de todo este lance de geração. O sonho acabou. Acabou e temos — pelo menos eu, pessoalmente — temos que voltar à chamada realidade".

Na canção *God*, do LP de 70, John começava: *"God is a concept by which we measure our pain."* ("Deus é um conceito pelo qual medimos a nossa dor"). E de-

Foto Paul Goresh/New York News

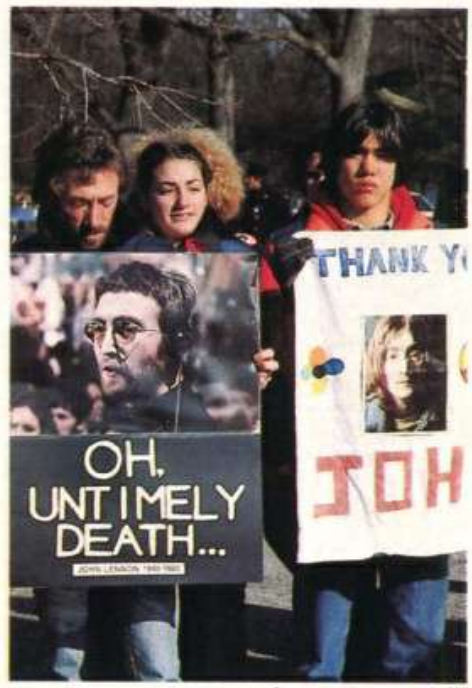


Foto Luiz Alberto/MANCHETE

Foto Olivier Rebbot/MANCHETE

JOHN E YOKO NA CAMA PELA PAZ: UM JEITO INOVADOR DE CONVOCAR A IMPRENSA PARA A SUA CAUSA. PAI CORUJA, SEAN AO COLO, PASSEANDO PELAS RUAS DE NOVA IORQUE COM YOKO. E IMAGENS DO TRÁGICO DEZEMBRO DE 1980: DANDO UM AUTÓGRAFO NA PORTA DO DAKOTA PARA O *FÃ* QUE O ASSASSINARIA HORAS DEPOIS, MARK DAVID CHAPMAN; E A DESOLAÇÃO DOS VERDADEIROS FÃS DURANTE A VIGÍLIA FÚNEBRE NO CENTRAL PARK.

JOHN LENNON

pois iniciava uma longa enumeração de *I don't believes* — uma lista de coisas em que não acreditava: mágica, I Ching, Bíblia, Tarot, Hitler, Jesus, Kennedy, Buda, Ghita, Ioga, Krishna, Elvis, Zimmerman (Dylan), Beatles... E concluía: *"Só acredito em mim/ Em Yoko e em mim/ Esta é a realidade/ O sonho acabou."*

A entrevista à *Rolling Stone* intitulava-se *"The Working Class Hero"* — O *Herói da Classe Operária*. Referia-se a outra canção do disco de 1970, *Working Class Hero*, uma visão terrivelmente crítica da humanidade em quatro minutos de voz e violão. Uma melodia simples, um depoimento contundente.

Muito do primeiro LP de John sem os Beatles foi influenciado pela terapia primal a que ele e Yoko se submeteram no início de 1970 em Los Angeles com o Dr. Arthur Janov. Autor do livro *The Primal Scream* (*O Grito Primal*), o Dr. Janov elaborou uma técnica em que o paciente, através de "sessões de grito", poderia regredir até a infância e livrar-se dos seus fantasmas. É difícil avaliar até que ponto a terapia de Janov afetou John, mas ele solta o berro, particularmente no final da canção *Mother*. Neste álbum, que muitos consideram o seu melhor, John como que inventa o rock-psicanalítico e mergulha de cabeça em todos os grandes temas do Eu: mãe (*Mother*), amor (*Love*), solidão (*Isolation*), política (*Working Class Hero*), religião (*God, I Found Out*) etc. Segundo um crítico, "outros compositores já lamberam suas feridas emocionais em público antes, mas poucos o fizeram de modo tão dilacerante e convincente como Lennon neste álbum".

O período 1970-75 foi intenso para John, com álbuns como *Imagine* (71), cuja faixa-título muitos consideram a sua mais bela canção (foi sem dúvida uma das mais populares, com dezenas de gravações); *Some Time In New York City* (72), o álbum duplo "engajado", com canções políticas, a colaboração vocal de Yoko e um concerto muito louco com Frank Zappa e os Mothers of Invention; *Mind Games* de 73; *Walls and Bridges*, de 74; e, em 75, a coletânea *Shaved Fish* e a viagem sentimental ao passado em *Rock'n'Roll*. Nesta fase, vários acidentes emocionais marcaram Lennon. Primeiro, a separação de Yoko, que durou de outubro de 73 a março de 75. Neste ano e meio, John mudou-se para Los Angeles, teve um caso sério com a secretária, a chinesa May Pang, e passou a beber demais, causando alguns escândalos com o seu temperamento explosivo. Ao mesmo tempo — início de 72 — começou um verdadeiro complô do governo republicano de Nixon para deportar Lennon dos Estados Unidos. Ele comprou a briga e lançou uma contra-ofensiva, num processo *John Lennon vs. the United States*. Entre os motivos arrolados pela Imigração havia um flagrante de porte de haxixe na Inglaterra em 1968. John chegou a pedir à rainha perdão por aquela condenação, mas Elizabeth II recusou. As relações entre Lennon e a realeza nem sempre foram muito cordiais. Em fins de 1969, John devolveu à rainha a medalha de Membro do Império Britânico, em protesto contra a Guerra do Vietnã, a de Biafra e o fracasso do seu compacto *Cold Turkey* em permanecer entre as 20 canções mais tocadas — o *Top Twenty* — na parada britânica. Finalmente, em setembro de 76, Lennon venceu a longa batalha judicial e ganhou o direito de residência nos Estados Unidos.

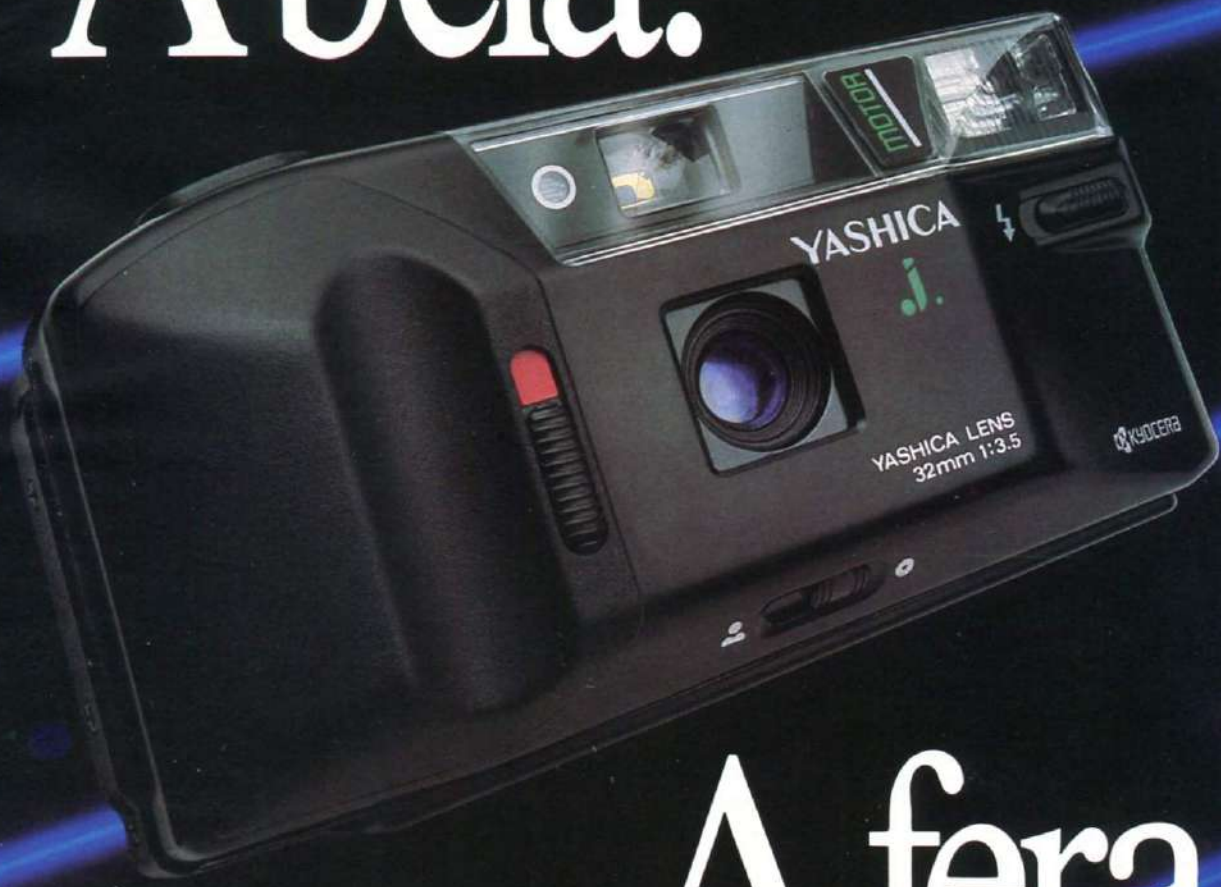
Na primavera de 1975, os Lennons mandaram um cartão aos amigos: *"Esta vai ser dura de engolir. Não só John e Yoko estão de novo juntos, como esperam um bebê para outubro."* Yoko já sofrera vários abortos anteriormente, em sua tentativa de ter um filho com John. Mas o filho acabou chegando, em perfeitas condições, em 9 de outubro, dia do 35º aniversário de John. "Me sinto mais alto que o prédio do Empire State", falou Lennon. E o menino, Sean Ono Lennon, passou a ser o centro do seu universo nos cinco anos que se seguiram, chamados de "os anos do Dakota". O Dakota é um prédio de apartamentos na esquina da Rua 72 com o Central Park West, uma espécie de fortaleza neogótica que por seu aspecto sinistro foi cenário do filme *O Bebê de Rosemary*, o clássico de terror de Roman Polanski. Entre outras personalidades do *showbiz*, abrigava a atriz Lauren Bacall, o maestro Leonard Bernstein e o colunista Rex Reed. John e Yoko acabariam comprando cinco apartamentos no prédio — um total de 26 quartos —, transformando o Dakota numa espécie de castelo familiar. E foi no portão de entrada do Dakota, na noite de 8 de dezembro de 1980, que Lennon encontrou a morte pelas mãos de um jovem perturbado, Mark David Chapman, 25 anos, que lhe deu cinco tiros, calibre 38, à queima-roupa.

Além da terrível ironia de que Chapman era um fã ardoroso de John, havia o fato de que Lennon voltara finalmente a fazer música, depois dos seus cinco anos de existência puramente doméstica. Naquele período ele se ocupou da criação do filho e das tarefas de casa — aprendeu até a fazer pão —, enquanto Yoko cuidava dos negócios do casal, o que ela fez com supreendente eficiência, elevando o patrimônio de John a 250 milhões de dólares. Além dos apartamentos no Dakota, o casal tinha residências no Japão, em Oyster Bay, Long Island e na Flórida — e uma fazenda no Estado de Nova Iorque, onde criava gado de raça e de onde vinham seus laticínios, frutas e verduras. A volta de John às gravações aconteceu quase por acaso. No verão de 1980 ele passeava com o filho Sean, no Jardim Botânico das Bermudas quando uma flor branca lhe chamou a atenção. Chamava-se *Double Fantasy* — Fantasia Dupla. Inspirado nela, compôs uma música e cantou-a pelo telefone a Yoko, que estava em Nova Iorque. Yoko disse que ela também tinha composto algo e cantou para John. Nasceu então a idéia de fazerem um álbum juntos. E assim foi. *Double Fantasy* acabava de ser lançado e estava subindo nas paradas quando Lennon foi assassinado. Das mesmas sessões, e com o mesmo espírito, Yoko tirou ainda um outro LP, *Milk and Honey*, lançado em fins de 1983. O Lennon destas gravações era o de sempre? A avaliação crítica de sua nova fase foi dificultada pelo impacto da sua morte. Certamente não era o mesmo Lennon profundo de 1970. Mas nem sua vida, nem os tempos exigiam mais isso. O novo Lennon era um homem que enfocava em suas letras sutilezas do cotidiano e injetava em sua música novas influências, como o *punk* e a *new wave*, e novos ritmos, como o *reggae*. Ele mesmo disse, meses antes de morrer: "Gosto de todo tipo de música, dependendo da hora... Adoro toda esta coisa *punk* que anda por aí, ela é pura..." Não se sabe o que seria o John Lennon dos anos 80, se traria ou não novas revoluções para o *rock*. Ele cumpriu o seu carma e viveu 40 anos redondos — de 1940 a 1980 — depois de ter corporificado, mais do que qualquer outro músico, os anseios e dilemas da juventude numa das mais conturbadas — e fascinantes — épocas na história do homem.

A SEGUIR:
200 ANOS SEM MOZART

A bela.

CINE-A

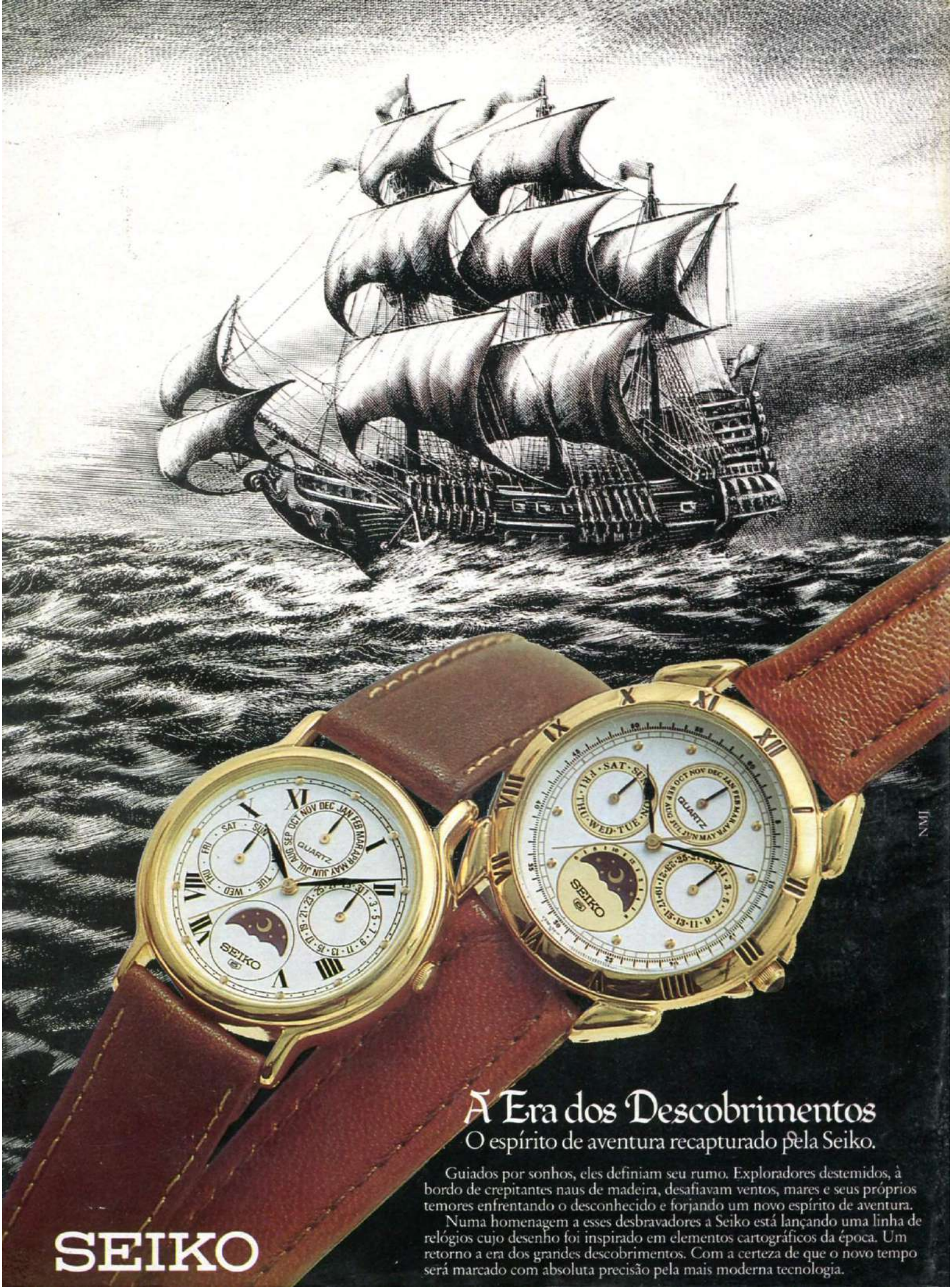


A fera.

A Yashica Motor-J é linda, concorda?
E esconde uma verdadeira fera atrás de seu contorno suave e design avançado.
Ela é bifocal. Capta as imagens mais distantes com seu foco infinito, ou faz fotos mais de perto com uma simples regulagem.
Se a luz não é suficiente, ela avisa que é hora de acionar o flash, e ainda avança o filme automaticamente após cada clic.
Terminou o filme? Basta um toque e ele é rebobinado sozinho.
Com uma Yashica Motor-J na mão, você também vira uma fera em fotografia.

YASHICA MOTOR-J

Bonita por fora. Avançada por dentro.



A Era dos Descobrimentos

O espírito de aventura recapturado pela Seiko.

Guiados por sonhos, eles definiam seu rumo. Exploradores destemidos, à bordo de crepitantes naus de madeira, desafiavam ventos, mares e seus próprios temores enfrentando o desconhecido e forjando um novo espírito de aventura.

Numa homenagem a esses desbravadores a Seiko está lançando uma linha de relógios cujo desenho foi inspirado em elementos cartográficos da época. Um retorno a era dos grandes descobrimentos. Com a certeza de que o novo tempo será marcado com absoluta precisão pela mais moderna tecnologia.

SEIKO